



**Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo**

SEM QUADRA ESPORTE CLUBE:

Mais que um jogo

Larissa de Castro Barreto
09/0027604

Pedro Paulo Souza Santos
09/0128711

Orientador: Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino

Brasília, dezembro de 2014

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

SEM QUADRA ESPORTE CLUBE:

Mais que um jogo

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como componente parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Fernando Oliveira Paulino

Larissa de Castro Barreto
Pedro Paulo Souza Santos

Brasília, dezembro de 2014

Larissa de Castro Barreto
Pedro Paulo Souza Santos

SEM QUADRA FUTEBOL CLUBE: *Mais que um jogo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do
título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Banca Examinadora

Fernando Oliveira Paulino
Professor-orientador

Paulo José Cunha
Professor Examinador

José Marcelo Santos
Professor Examinador

9 de Dezembro de 2014
Brasília - DF

*A doçura, a cerimônia, a timidez
do nosso futebol são defeitos
gravíssimos. Um jogador brasileiro
tem vergonha de pisar na cara do
adversário caído. O europeu, não.
O europeu não recua diante de nada.*

Nelson Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Pedro Paulo Souza Santos

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha mãe, ela que me permitiu sonhar e acreditar que o sonhar é apenas o primeiro passo da jornada. Ao meu pai por cultivar em mim o gosto pela leitura, e pela base que levarei pela minha vida. Aos meus irmãos, Mariana e Marcos que fizeram parte deste suporte familiar em que foi a base para que eu pudesse realizar mais esse sonho.

Aos amigos que fiz nessa etapa da vida, amigos que sempre me apoiarem na minha decisão de ser jornalista e não me deixaram desistir nos tropeços dessa vivência. Agradeço em especial, aos amigos que me ajudaram nesse trabalho: Octávio, Lucas, Leandro, João Paulo, Alexandre, Henrique. Ao professor e mestre Fernando Paulino que me instigou a acreditar que a melhor forma de jornalismo é aquele colaborativo onde sempre há espaço para troca de ideias e aperfeiçoamento. Agradeço também a cada ensinamento no ônibus-sala e a cada palavra de incentivo.

E por fim, agradeço à professora Márcia Marques em nome de todos os professores da Faculdade de Comunicação. Agradeço aos alunos de Comunicação Comunitária em nome de todos os discentes da Faculdade de Comunicação e ao Seu Izaías, em nome dos servidores da Universidade de Brasília que pacientemente ajudaram a formar a pessoa que sou hoje.

Larissa de Castro Barreto

Agradeço a Deus pelo sustento diário em ânimo, entendimento e em saídas que em minha visão seriam impossíveis de serem resolvidas, como graças a Ele foram. Aos meus pais e ao meu irmão, que me deram a sensação única de segurança, por suas opiniões, as quais considero as mais valiosas, pelo sustento financeiro e por sempre acreditarem e me animarem em meus pequenos e grandes sonhos. Ao meu namorado Fábio, que teve relatos diários do feito deste trabalho e que me acompanhou e animou diariamente, também.

Ao professor Fernando Paulino, que com tamanha atenção e respeito orientou o nosso trabalho e nos fez o admirar com a sua forma de ensinar e de ter autoridade, com amizade, respeito e sempre com algo a acrescentar.

Ao jornalista Fernando Passarelli, que me inspira como jornalista e como pessoa, sem pre dizendo que pessoas sempre valerão mais que notícias.

Agradeço ao Marquinhos, que nos ajudou na edição e que teve bastante paciência em todo o processo. Aos professores e servidores da Universidade de Brasília, em especial ao Rogério e ao Seu Isaías.

RESUMO

O presente memorial acompanha a telereportagem sobre a história do “Sem Quadra Esporte Clube”, equipe de futebol que disputou sem conquistar o campeonato Torneio da Paz em 2001, mas que ganhou mais que apenas um troféu. A reportagem "Sem Quadra Esporte Clube - Mais que um jogo" relata a história do time comandado por Carlos Daliga, treinador de uma escolinha de futebol em Planaltina-DF, e é um projeto experimental na modalidade Produto de Comunicação referente ao Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Este trabalho pretende não apenas fazer o registro de um fato, mas também promover a memória da formação do bairro Estância, situado na região administrativa de Planaltina, por meio de entrevistas e depoimentos de membros do Sem Quadra. A narrativa reconta uma variável da clássica história do embate entre Davi e Golias, nesse caso, o vencedor não foi apenas aquela equipe que subiu ao lugar mais alto do pódio, mas também os garotos do "Sem Quadra Esporte Clube". Sem estrutura, a equipe disputou competição de futebol, e mesmo atuando sem ter treinado com a devida estrutura, alcançou o segundo lugar da competição.

A telereportagem contou com a colaboração do Programa de Extensão de Ação Contínua Comunicação Comunitária da UnB e do apoio na produção de Carlos Daliga. A partir da reportagem constata-se que o futebol, assim como outros esportes, tem o poder de inclusão social, especialmente para o público infanto-juvenil.

Palavras-chave: Futebol, Planaltina, Estância, Sem Quadra, reportagem.

RESUMEN

El presente memorial habla acerca del grande reportaje a respecto de la historia del "Sin Quadra Deporte Club", equipo de fútbol que perdió el campeonato, pero he ganado mucho más que un trofeo. El reportaje "Sin Quadra Deporte Club- Más que un juego" habla a respecto de una historia del equipo dirigido por el técnico Carlos Daliga, el entrenador de una pequeña escuela de fútbol en la ciudad Planaltina, en el Distrito Federal y és un proyecto experimental en la modalidad Producto de comunicación en relación con la finalización del carrera en la Escuela de Comunicación en la Universidad de Brasília.

Este trabajo tiene como objetivo solo dar alta de un ocurrido, pero también promover la memoria de la formación del barrio Estância, que se ubica en la región administrativa de Planaltina y a través de entrevistas y testimonios del Sin Quadra. La narrativa hace una nueva alta de la clásica historia del embate de Davi y Golias, donde en este caso, el ganador no fue solo el equipo que he aumentado en el sitio más alto del podio, pero también los chicos del "Sin Quadra Deporte Club". Sin estructura, el equipo he disputado la competición de fútbol en Planaltina, el Torneo de la Paz, y mismo jugando sen tener practicado con la debida estructura, logró el según sitio de la competición.

El reportaje he tenido la ayuda y colaboración del Programa de Extensión de Acción de la comunicación comunitaria en la UnB y del apoyo en la producción del Carlos Daliga. Del informe se desprende que el fútbol, así como en los otros deportes, hay el poder de inclusión social, en especial para el público joven.

Palabras-clave: Fútbol, Planaltina, Estância, Sin Quadra, reportaje.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. JUSTIFICATIVA.....	12
3. OBJETO E OBJETIVO.....	13
4. PERGUNTAS.....	15
5. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	16
5.1 Lei de Acesso à Educação, Esporte e Lazer no ECA	16
5.2 Telerreportagem	17
5.2.2 Jornalismo Esportivo	20
5.3 Jornalismo e Inclusão Social.....	21
5.4 Planaltina	23
5.4.1 Contexto Histórico	23
6. METODOLOGIA.....	25
6.1 Conhecendo o time “Sem Quadra Esporte Clube”.....	25
6.2 Produção e realização	25
6.3 Pós-produção e finalização.....	27
6.4 Planilha de gastos	27
6.5 O futuro da telerreportagem “Sem Quadra Esporte Clube: Mais que um jogo”.....	28
7. CONCLUSÃO	28
8. REFERÊNCIAS	30
8.1 Referências Eletrônicas	31
9. APÊNDICES.....	31
9.1 Tabela de Entrevistados	32
9.2 Decupagem das entrevistas gravadas	32

1. INTRODUÇÃO

A telerreportagem “Sem Quadra Esporte Clube” é um projeto experimental na modalidade Produto de Comunicação, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. A reportagem tem como proposta fazer registro e dar visibilidade a uma história ímpar que aconteceu em 2001 em Planaltina, região administrativa do DF distante cerca de 40 quilômetros da Esplanada dos Ministérios. Planaltina, assim como outras localidades do Distrito Federal em 2001, crescia a passos largos, e vários bairros eram construídos sem o planejamento necessário. Foi assim com o bairro Estância. E ali como em muitas localidades, crianças se divertiam jogando as famosas peladas em campos de futebol improvisados.

O novo bairro, Estância, ficava localizado na “periferia da periferia”. Era uma área distante do centro de Planaltina e assim, malvista por moradores de bairros mais antigos. Com espaços e condições limitados para o lazer, meninos e meninas jogavam futebol descalços no asfalto, dividindo o espaço com carros e pedestres. Observando crianças desprotegidas, jogando futebol e brincando em lugares perigosos, Carlos Daliga, que à época trabalhava como vigilante, decidiu organizar um “campinho” e criou uma escolinha de futebol, até então sem nome. Carlos Daliga conta em entrevista ¹que no início a iniciativa era apenas uma forma de organizar e deixar de forma segura que os meninos e meninas brincassem.

Em 1998, surge o embrião do time que viria a ser chamado “Sem Quadra Esporte Clube”. Tratava-se do Grupo Força Popular (GFOP), uma escolinha de futebol encabeçada por Carlos Daliga que dava oportunidade para meninos e meninas praticarem o esporte bretão. Criado na Estância, o GFOP atuou dez anos como um dos principais meios de ingresso das crianças ao meio do futebol.

Em 2001, assim como membros de outras escolinhas de futebol de Planaltina, os garotos da Estância foram convidados a participar do Torneio da Paz, campeonato de futebol de salão da região administrativa de Planaltina. Como parte da premiação, os dois finalistas do torneio ganhariam o direito de participar de um campeonato de Futsal do Distrito Federal no ano seguinte. Os organizadores da competição pretendiam realizá-la anualmente, entretanto, por mudança do administrador de Planaltina no ano seguinte, o Torneio da Paz não teve sequência no calendário de festividades da cidade.

A história dos “Sem Quadra” dialoga com a narrativa da luta entre o mais forte e o mais fraco, com características singulares. Vencer, no final, não é necessariamente sinônimo

¹A entrevista com Carlos Daliga foi concedida ao Pedro Paulo no dia 24/05/2014.

de conquistar um troféu, mas tentar cumprir com objetivos. Este trabalho tem como objetivo contribuir com a memória de uma equipe que inicialmente foi desacreditada por muitos. O “Sem Quadra Esporte Clube” recebeu chacota de times que não o levaram a sério, conforme relatado nas entrevistas realizadas com os ex-jogadores que participaram da reportagem, e a escolha do nome foi uma forma de protesto pela falta de condições de lazer e esporte na localidade. A equipe buscou superar dificuldades, conseguiu avançar de fases, chegar à final, e, conquistar algo muito além do que o título do torneio.

Narrar essa história é reafirmar que o esporte, e, mais precisamente o futebol fez e faz parte da identidade de muitos garotos pelo Brasil afora. E em Planaltina não é diferente. Carlos Daliga, de vigilante a treinador da escolinha na Estância, conta a história por trás da estória da quadra de futebol da localidade. Daliga relata como surgiu o “Sem Quadra Esporte Clube” e de que modo o apoio da comunidade do bairro ajudou a conceber uma escolinha de futebol que por cerca de dez anos ajudou mais de 600 meninos e meninas e que aprenderam ali valores além do futebol.

A telerreportagem “Sem Quadra Esporte Clube, Mais que um jogo” pretende promover uma história de Planaltina, região de relevância no cenário do futebol local e nacional. Revelando diversos jogadores, como é o caso do ex-capitão da Seleção Brasileira, o zagueiro Lúcio e do jogador Sandro², que começaram a carreira em Planaltina e ganharam destaque mundo afora. A região administrativa também tem o orgulho de dizer que foi o palco do último jogo do gênio das pernas tortas– Garrincha³, que jogou no estádio Adonir Guimarães um mês antes de sua morte.

² Lucimar Ferreira, mais conhecido como Lúcio, é jogador de futebol e ex-capitão da Seleção Brasileira. Começou a carreira como jogador de futebol em Planaltina. Foi campeão mundial em 2002, com a equipe nacional. Sandro Raniere, natural de Minas Gerais, se mudou para Planaltina ainda criança. Iniciou a carreira como jogador de futebol nas escolinhas de Seu Juraci e Zé Vasco, tradicionais na cidade.

³ Revista Campus Repórter. 2013. Disponível em <http://issuu.com/campus-reporter/docs/cr12_boneca> Acessado em: 04 de novembro de 2014.

2. JUSTIFICATIVA

O futebol é certamente o esporte mais praticado⁴ no Brasil. Milhares de jovens jogam futebol em campos e quadras como a criada depois do campeonato na Estância. Contar esta história é destacar parte da construção de um bairro semelhante a tantos outros pelo país. O futebol como prática desportiva tem registros milenares. Não há uma data exata para sua criação, há relatos de esportes similares praticados com bola na China e no Japão antigo. O futebol, nos moldes atuais, sofreu e sofre mudanças na sua realização, mas o esporte organizado e sistematizado, uma forma remota da forma que conhecemos hoje, surgiu na Inglaterra em 1846⁵.

No Brasil⁶, o esporte se popularizou a partir da viagem de Charles Miller. Brasileiro, nascido em São Paulo, Miller havia viajado para Inglaterra com o propósito de estudar. Retornou e trouxe com ele uma bola de futebol. O primeiro jogo de futebol no país aconteceu no início de 1895, entre os operários da Companhia de Gás e da Ferrovia São Paulo Railway (DOS SANTOS NETO, 2002).

Para o antropólogo Roberto DaMatta, o futebol e o esporte em geral, traz a perspectiva de que no Brasil a prática desportiva tem que ser vista como uma atividade da sociedade e não como uma atividade em oposição ou competição com a sociedade. Na Estância, é possível ver como o surgimento da escolinha do GFOP foi mais um fator para construção social da localidade, o futebol se tornou parte de Planaltina ao desenvolver regras e relações com a comunidade.

Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do "jogo". (DAMATTA, 1982, p.24)

⁴ Atlas Esporte Brasil. 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/173.pdf>> Acessado em 06 de novembro de 2014.

⁵ Retirado do sítio da revista Super Interessante. 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/esporte/futebol-foi-inventado-inglesa-620232.shtml>>. Acessado em: 04 de novembro de 2014.

⁶ “Assim é que, no Brasil, recebemos, do berço, o nome, a religião e o clube de futebol, que, juntamente com o sexo e o estado civil, nos acompanharão pelo mundo social que acabamos de entrar”. Como sabemos, o futebol está inserido na sociedade brasileira e também dentro de cada brasileiro. Mesmo daquele que não gosta do esporte tem um time que prefere mais, e sempre torce pela seleção nacional na Copa do Mundo. Desde pequeno todo cidadão brasileiro conhece o futebol, e começa a se inteirar com ele. Mas tudo isso tem uma origem. DE LIMA, Marco Antunes. “As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil”. 2006. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html>> Acesso em 06 de novembro de 2014

O futebol pode ser um importante instrumento de inclusão social, e ao entrevistarmos⁷ Daliga compreendemos a importância da criação da escolinha de futebol, o GFOP, para a construção social da Estância.

Em entrevista, Carlos Daliga afirma que em pouco mais de dez anos atendeu mais de 600 crianças. É necessário salientar que a inclusão social promovida pelo esporte modificou a vida de tantos jovens iguais aos garotos do “Sem Quadra Esporte Clube”. Por isso, a importância da conquista de uma quadra poliesportiva na Estância se faz imensurável. “Se aceitarmos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (SOARES et al., 1998 p.70).

É válido ressaltar que Planaltina vive o futebol intensamente. Ao visitarmos a cidade diversas vezes encontramos crianças, adolescentes e adultos jogando nas quadras poliesportivas da cidade⁸.

Acreditamos que conhecer a história do bairro e da região administrativa, é de grande importância. Ao gravamos com as crianças que jogavam futebol em uma quadra na Vila Vicentina, em Planaltina, nos deparamos com a curiosidade de quem conhecia a história de alguns jogadores oriundos de Planaltina, porém, não sabia que alguns jogavam futebol ali na mesma quadra em que eles brincam todos os dias.

A realização deste trabalho também se faz relevante para que no futuro seja uma peça de registro da memória de Planaltina, região que vive o esporte das mais variadas formas⁹.

3.1 OBJETO E OBJETIVOS

O tema desta telerreportagem é a trajetória percorrida pelo Sem Quadra Esporte Clube, com referências ao período inicial de formação da “escolinha”, GFOP, no bairro Estância. Para a produção deste produto, também foi levado em conta o contexto social vivido pelos alunos na época, o convite ao técnico para participação no Torneio da Paz e todo o

⁷ A entrevista com Carlos Daliga foi concedida ao Pedro Paulo no dia 24/05/2014.

⁸ De acordo com Carlos Daliga, atualmente em Planaltina existem duas ligas de futebol amador. São cerca de 80 clubes de futebol, com mais de dois mil pessoas envolvidas, levando-se em conta 30 pessoas por time, incluindo comissão técnica e dirigentes.

⁹ O futebol em Planaltina é praticado nas quadras esportivas de forma lúdica, além das escolinhas para crianças e adolescentes. Há também competições de futebol amador que conseguem reunir mais de 30 equipes e durante as finais dos campeonatos passam pelas quadras cerca de dois mil espectadores, de acordo com Daliga em entrevista no dia 24/05/2014.

desdobramento da história que resultou em um resultado, que a princípio parecia adverso, mas que no final se tornou favorável aos meninos da Estância.

Figura 1 – Time do Sem Quadra Esporte Clube em foto oficial para o Torneio da Paz em 2001



Arquivo Pessoal: Carlos Daliga

O objetivo do trabalho é produzir uma telerreportagem sobre a participação de jovens da Estância, em Planaltina, no torneio. A presença do time almejava a construção de uma quadra de futebol na nova localidade recentemente criada. Com o nome inusitado de “Sem Quadra Esporte Clube”, a equipe participou do Torneio da Paz, em 2001.

A telerreportagem tem como objetivo narrar a história dos “Sem Quadra” e recordar através de relatos dos jogadores e do então técnico da equipe as dificuldades, a surpresa de apesarem de ter perdido na final do campeonato, receberem o aval do então administrador Vatanábio Brandão para a construção da tão sonhada quadra de futebol na Estância.

A história contada na telerreportagem é desenvolvida por meio de relatos em entrevistas, com auxílio de documentos e fotos da época. A quadra que hoje é aproveitada por muitos moradores da Estância guarda uma história rica que não é conhecida nem mesmo na própria localidade, em Planaltina.

PERGUNTAS

O trabalho pretende responder três perguntas principais, a princípio: a) como desenvolver uma reportagem sobre a participação do Sem Quadra Esporte Clube no Torneio da Paz, realizado em 2001, reconstituindo o percurso realizado? Qual a importância da equipe na construção da principal quadra de poliesportiva do bairro Estância? Além do mais, 13 anos depois, qual o impacto do período na vida dos antigos participantes do time?

Utilizando entrevistas audiovisuais, resgate por meio de documentos e registros dos personagens desta história, o trabalho pretendeu responder às perguntas acima, contando história do “Sem Quadra” em diálogo com olhar dos garotos e de Carlos Daliga.

5. REFERENCIAIS TEÓRICOS

5.1 Acesso à Educação, Esporte e Lazer no Estatuto da Criança e do Adolescente

Levando em conta a garantia e direito dado a toda criança e adolescentes brasileiros à educação, e ao ideal de ensino existente na lei nº 8.069/1990, houve motivação de explicitar em telerreportagem tanto a deficiência em recursos e apoio à criança e adolescente encontrados na Estância e mais especificamente, o reflexo desta situação na trajetória do time de futebol "Sem Quadra Esporte Clube".

Destacamos que as preocupações encontradas pelos entrevistados na produção da reportagem, os manifestos, as carências e até as diferenças de acesso a recursos relatadas vão ao encontro dos seis indicadores de violação de Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao lazer, notificados pelo órgão fiscalizador Sistema de Informação para a Infância e Adolescência (SIPIA) ¹⁰.

(Indicador número 5); Ausência ou impedimento de uso de equipamentos de cultura, esporte ou lazer: ausência de equipamentos e programas de esporte, lazer e cultura, falta de manutenção dos equipamentos existentes, falta de segurança nos locais destinados à cultura, ao esporte e ao lazer, impedimento do uso de equipamento e espaço de lazer existente.

O direito dos meninos integrantes do time Sem Quadra Esporte Clube a boas condições nos esportes é intrinsecamente relacionado à educação e ao zelo garantidos à criança e ao adolescente pela lei nº 8.069, no artigo 54 (de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente).

De acordo com o artigo nº 54 do ECA é um dever de o Estado assegurar à criança e ao adolescente o ensino fundamental, obrigatório e gratuito. O artigo nº 54 do ECA ainda prevê que todas as crianças e adolescentes, independentemente de classe social ou sendo portador de deficiência ou não, possuem progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio e aos recursos que lhes cabem. Além do que, cabe ao Poder Público recensear os

¹⁰ O SIPIA é um sistema de registro e tratamento de informações sobre a garantia dos direitos fundamentais, defendidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), colocando-se, pois, como um instrumento para ação dos Conselhos Tutelares e dos Conselhos de Direitos, nos níveis Municipal, Estadual e Federal. A partir dele há um monitoramento e uma fiscalização de questões relativas a crianças e adolescentes, por meio do da Rede Nacional do Ministério da Justiça.

educandos no ensino fundamental, e fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos responsáveis, pela frequência à escola.

Os entrevistados da telerreportagem ressaltaram diversas vezes quão importante foi para a localidade a criação da “escolinha” GFOP que viria a se tornar o Sem Quadra no Torneio da Paz.

De acordo com Castro e Abramovay (2002) “a carência de lazer, trabalho e escola é explorada pelo tráfico, que em muitos lugares torna-se referência para os jovens, ocupando um espaço deixado em aberto pelo poder público e pela comunidade”. José Carlos Marinho¹¹ que foi goleiro do Sem Quadra disse que era comum perder amigos e conhecidos para a criminalidade. José Carlos ressalta que a “escolinha” teve papel fundamental na Estância por ser um meio de acesso ao esporte e lazer para os cidadãos daquela localidade.

Em sua grande maioria, as políticas públicas são desconhecidas e ignoradas pela sociedade. Há uma tendência a inaugurações e/ou lançamentos de programas. Constroem-se quadras de esporte, mas não se analisa com a comunidade prioridades ou formas de efetivá-las; lançam-se programas, mas não se percebe preocupação com o processo de implantação e implementação de programas; não se faz um acompanhamento crítico, nem uma prestação de contas à população sobre gastos públicos (ABRAMOVAY; CASTRO, 2002, p.143).

Deve-se ressaltar que a construção da quadra de futebol da Estância não foi realizada de imediato. Daliga conta que durante pouco mais de dois anos o projeto de construção da quadra ficou estagnado e sem o devido acompanhamento da população de Planaltina, soube-se depois que a administração de Planaltina procurava o melhor terreno para construção. Carlos Daliga constata que depois de discutido o melhor local e da construção da quadra, nas proximidades do local houve progressos como a construção de escola e aparelhos de ginástica para os habitantes de Estância.

5.2.1 Telerreportagem

Lavina Ribeiro e Leticia Renault (2010) descrevem o telejornalismo como gênero jornalístico com espaço demarcado na televisão, isto é, a prática do jornalismo aplicada à televisão. Segunda a pesquisadora Claudia Teixeira a telerreportagem pode ir além de uma notícia puramente objetiva e escapa do tempo rápido exigido pelo chamado *hard news*. Nas telerreportagem, não necessariamente existe apenas a relação com o factual. Também se busca

¹¹Em entrevista concedida ao Pedro Paulo Souza no dia 25/05/2014.

a contextualização de um tema. “A notícia é então um acontecimento temporal determinado pelo tempo que perde actualidade, a telereportagem estende-se no tempo e não está presa ao conceito de actualidade” (TEIXEIRA, 2000, p. 16 apud Castro, 2012).

Na reportagem, ao contrário do que acontece na notícia, o jornalista esclarece o acontecimento, estuda e investiga o tema. Ele escolhe um ângulo particular de abordagem do acontecimento, personaliza a informação e restitui-a de forma diferente (TEIXEIRA, 2009, p. 15 *apud* Castro, 2012).

Na telerreportagem há como o repórter malear a abordagem, a estética audiovisual, a forma de repassar a informação ao público proposto, e além de tudo, o repórter pode valer-se da emoção ou da razão ao explorar os fatos obtidos nas entrevistas e demais apurações.

A telerreportagem tem algo a mais do que os secos relatos das notícias objetivas ou dos verbetes enciclopédicos. Ela pode trazer em suas linhas o suor e o sangue com que foi feita. O olhar do repórter pode até procurar a análise objetiva, mas o coração está disparado. As emoções humanas primárias estão nas entrelinhas: o choro, a alegria, a raiva, o riso, o medo, a indignação. (ABREU; CAVALCANTI; MAYRINK, 2002, p. 89)

Dentro das variações que podem ocorrer, há a variação do tempo, quando pode ser transmitida em um programa inteiro, como é o caso de A Liga¹², na TV Bandeirantes, ou ocupar apenas parte do programa, como assuntos diferentes, aguçando a atenção do telespectador.

Castilho (2004) considera a telerreportagem um formato jornalístico em que o repórter opera a própria câmera de vídeo e de forma independente constrói a reportagem televisa. O surgimento da telerreportagem no Brasil data de 1987, em São Paulo, de acordo com Barbeiro e Lima (2002). Os autores ressaltam que o formato é “amplamente utilizado pela TV Cultura de São Paulo, que apresenta reportagens feitas nessa nova linguagem em todos os telejornais diários”.

A produção da telerreportagem Sem Quadra se encaixa à linguagem de videorreportagem, ao ser um produto experimental de formato jornalístico no qual Pedro Paulo e Larissa construíram de forma independente a produção e realização. Para Thomaz (2006) a “linguagem da videorreportagem é semelhante à linguagem da reportagem tradicional de TV.

Porém, esta nova forma de produção permite a experimentação que, embora sutil, rompe com a padronização de formatos existente hoje nos telejornais brasileiros”, (Thomaz:

¹²A Liga é um programa de televisão exibido pela Rede Bandeirantes desde maio de 2010. Foi criado pela produtora argentina Eyeworks. É definido como um programa de televisão jornalístico, que atrai o espectador com drama, humor e acidez.

2006. p. 98). Percebe-se na telerreportagem Sem Quadra a experimentação de um formato, visto que o entrevistador Pedro Paulo era o mesmo que operava a câmera.

Existem diferentes propostas de formato, produzidas de acordo com o perfil da emissora, do programa e do próprio profissional. Não há, por tanto, um formato único, assim como não há uma linguagem definida. Há experimentações no enquadramento de imagens, no texto mais informal, na participação do profissional em todo o processo de produção, no diálogo mais intimista com o entrevistado, entre outros diferenciais. (THOMAZ, Patrícia. “A linguagem experimental da videoreportagem.”

Em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/view/321/313>>. Acesso em 11 de novembro de 2014.

Não ter uma linguagem definida não significa a dispensa do apoio de pauta e pré-produção. É necessário salientar que durante a produção das entrevistas, as adversidades se somavam com o tempo de entrevista curto. Nas entrevistas de 24 de maio de 2014, com Carlos Daliga e Rafael Santos e de 23 de outubro de 2014 com Milton Júnior e José Carlos Marinho o tempo de duração da entrevista foi apenas uma das dificuldades encontradas.

Faz-se necessário frisar a importância da informação, pecando por vezes em uma qualidade imagética. Barbeiro e Lima (2002) afirmam que a videoreportagem privilegia a informação em detrimento da qualidade plástica. Por isso, deve ser utilizada em acontecimentos fortes, cujo conteúdo seja capaz de interessar o telespectador. Na telerreportagem, as declarações dos entrevistados se tornam o conteúdo primordial da telerreportagem. E isso acarreta em um número menor de cortes de edição. Ainda, Barbeiro e Lima (2002) destacam que “uma troca de sequências que procura não interromper o andamento dos fatos com a edição tradicional, em que as imagens editadas duram aproximadamente dois segundos”.

No site do professor doutor Gerson Luiz Martins¹³, são citadas dicas do experiente jornalista José Hamilton Ribeiro, sobre como produzir uma boa telerreportagem. Para Hamilton Ribeiro, além do roteiro original e de todos os atributos de que vale uma telerreportagem, o talento do repórter é imprescindível. Porém não um talento natural, originário desde o nascimento, mas algo que cresceu e se desenvolveu com o tempo.

Segundo o repórter [José Hamilton Ribeiro], para produzir uma grande reportagem é necessário um bom começo, um bom final e muito talento. Talento que não acontece naturalmente, não é nato, precisa ser desenvolvido. (...) Como talento, enfatizou a necessidade de dedicação aos estudos pelos futuros jornalistas, principalmente

¹³ Retirado do sítio Jornalismo Prof. Dr. Gerson Luiz Martins. 2014. Disponível em: <<http://www.gersonmartins.jor.br/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

qualificou a pesquisa como condição imprescindível para o bom jornalismo, para uma boa reportagem (MARTINS, 2010).

De acordo com o repórter José Hamilton Ribeiro, não basta, por exemplo, existir uma incrível história como a do Sem Quadra Esporte Clube para se produzir uma boa reportagem esportiva. É preciso, segundo Hamilton Ribeiro, um estudo prévio sobre o jornalismo esportivo e uma pesquisa sobre a área.

5.2.2 Jornalismo Esportivo

O telejornalismo tem papel significativo na agenda de acontecimentos esportivos. De acordo com Ribeiro e Renault (2010) além de ritualizar, “o telejornal reserva tratamento diferenciado, mais extenso, aprofundado, exaustivo, na maioria das vezes, repetitivo”, para temas como o esporte.

O futebol é tema pautado diariamente em toda a hierarquia da televisão no Brasil, que vai dos telejornais locais, aos estaduais até os de transmissão nacional. Entre as diversas editorias contempladas pelo telejornalismo, tais como: a política, a economia, a polícia, o meio ambiente, e cultura- só os esportes ganham programas diários exclusivos em todas as emissoras. Na maioria destes telejornais, a cobertura jornalística trata unicamente dos times e das competições de futebol (RIBEIRO; RENAULT, 2010).

Para Barbeiro e Rangel (2006), um jornalista que atua na área de esportes é, antes de tudo, um jornalista. “Jornalismo é jornalismo: seja ele esportivo, político, econômico, social.”

“Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (Barbeiro e Rangel, 2006, apud Prestes, Laís).

Dentro deste panorama do jornalismo esportivo, a realidade de dar ênfase a algum esporte aumenta o interesse do telespectador a respeito do esporte e mais sobre esse esporte será discutido, de acordo com a Teoria do Agendamento (McCombs, Maxwell, A Teoria da Agenda, 2009). Coutinho, baseado no *agenda setting*, comenta certa dependência que os esportes têm ao telejornal, citando alguns exemplos no Brasil, como a ginasta Daiane dos Santos, o judoca João Derly e o tenista Gustavo Kuerten. Segundo Coutinho, por meio da mobilização na imprensa é também impulsionado o meio de marketing, investimentos financeiros, que para o autor são um dos principais fatores para a promoção de um esporte.

“Foi também em 1976 que os promotores de tênis no Brasil fortaleceram relações com bons patrocinadores. O Banco Itaú, por exemplo, pelo segundo ano consecutivo destinou 5% de sua verba publicitária (os valores não foram divulgados) na realização da 1ª Copa Itaú de Tênis, com a disputa de etapas em oito cidades diferentes, premiação aos jogadores e produção de peças promocionais, englobando desde cartazes até bonés para serem distribuídos durante o jogo” (COUTINHO, 2005 apud MALUF, 2005).

De acordo com a citação de Coutinho, o jornalismo e a comunicação em si possui uma dependência de cunho financeiro ao determinar os esportes que estarão na agenda de notícias e não só a questão do esporte, mas podemos citar os temas de discussão social que possuem dificuldade de entrar como notícias de um telejornal diário pela ausência de cunho financeiro do mesmo.

5.3 Jornalismo e Inclusão Social

À vontade em colaborar com uma consciência social a favor do acesso da criança e do adolescente ao esporte e com segurança refletiu-se nesse trabalho jornalístico; é por meio deste relato jornalístico, que não foi algo presenciado por nós, mas um fato construído após os relatos de algumas pessoas que viveram a experiência de conviver de alguma forma com o time Sem Quadra Esporte Clube.

Quanto a essa prática, de utilizar o jornalismo em promover causas sociais, “é o jornalismo engajado, o que não necessariamente é contraditório ao socialismo objetivo e neutro”, de acordo com Kunczik (1998, p.99).

Kunczik (1998, p.99) afirma que o jornalismo engajado, aquele que defende causas, não é oposto ao jornalismo do noticiário, o “jornalismo neutro”. Este jornalista engajado é o jornalista que coloca mesmo trabalhando em um jornal de notícias diário se esforça para colocar em pauta o que está à margem.

“O ‘defensor’, por outro lado, é conceituado como paladino de certos grupos socialmente abandonados e que, por si mesmo, não podem representar seus interesses como o Quarto Poder, impedindo o abuso do poder. Isso pode implicar pelo menos um esforço para mudar a estrutura social” (Kunczik, 1998, p. 99).

Apesar de não estarmos criando o nosso discurso de telerreportagem em uma emissora de televisão comunitária da região administrativa de Planaltina, acreditamos que esse tipo de jornalismo poderá ser transmitido tanto em mídias alternativas ou na UnBTV, mas também em veículos grandes de comunicação. Sem desacreditar na potência dos grandes sistemas de

mídias na qualidade de formadores e fomentadores de um debate público, o escritor Maia (2008) explica a relação entre um jornalismo considerado de massa e assuntos em defesa ao debate público:

“Não são poucas as dúvidas a respeito da capacidade dos meios massivos para formar plataformas para o debate público. As empresas de comunicação estabelecem diversas relações de interesse com grupos de poder e setores do mercado, o que pode comprometer os parâmetros da comunicação democrática, ou seja, a independência, a responsabilidade e a correção da informação” (MAIA, 2008, apud da Silva, 2012).

Ainda com base no escritor MAIA, por causa dos obstáculos que existem em inserir o debate público do interesse da periferia nas grandes mídias, é importante que se use as mídias sócias, blogs, sites e outros meios alternativos para que este discurso seja reivindicado (MAIA, 2008 p. 96, apud, DA SILVA, 2012).

Traquina (2005) em sua obra Teoria do Jornalismo faz a seguinte pergunta “qual o papel do jornalismo numa sociedade democrática?”. Segundo ele, o jornalista possui responsabilidades sociais e deve reconhecer isso: “O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais” (TRAQUINA, 2005, p. 28). Segundo o escritor Traquina, quando não há esse reconhecimento de responsabilidade social por meio do jornalista, a reportagem utilização apenas para fins comerciais.

Podemos considerar a telerreportagem “Sem Quadra Esporte Clube- Mais que um esporte” não apenas uma forma de protesto, mas uma história de incentivo aos demais que se vêem sem condições favoráveis de vencer, como se fosse uma variável do mito Davi e Golias, muito bem parafraseada pelo jornalista ATUCCH, em um artigo:

“Golias era um gigante filisteu de quase três metros de altura, que desafiava Israel a indicar um soldado que tivesse coragem de enfrentá-lo numa luta corporal. Depois de 40 dias, apresentou-se o franzino Davi, que, segundo o relato bíblico, derrotou o adversário atirando-lhe uma pedra na cabeça. O mito, durante muitos anos, serviu ao Exército israelense, que venceu todas as guerras das quais participou, enfrentando sempre inimigos mais fortes – ao menos em tamanho”. (ATUCCH, Leonardo. Davi e Golias, 2014. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/78195_DAVI+E+GOLIAS>. Acessado em 21 de novembro de 2014.

Neste caso, o time Sem Quadra, além de ser minúsculo comparado aos gigantes em que enfrentou, em termos de condições físicas para jogar, como quadra, chuteiras e uniformes, ele além de vencer alguns times oponentes por goleada, mesmo perdendo no final, acabou ganhando o que era importante para os integrantes do grupo, até mais que um troféu de campeões. Uma quadra de esportes.

5.4 Planaltina

5.4.1 Contexto Histórico

Planaltina existia antes mesmo de Brasília ser criada, sendo a região mais antiga do Distrito Federal (DF). Com registro humano documentado desde 1803, a localidade foi elevada à categoria de distrito de Mestre D'Armas em 1859. Em 1917, a localidade passa se chamar Planaltina.

As origens do núcleo urbano primitivo chamado Mestre d'Armas, atual Planaltina, estão enraizadas no complexo processo que se seguiu às transformações políticas, econômicas e sociais da história de "Goyaz", a partir do achamento de ouro nesta região central da colônia portuguesa da América. Das consequências do entrelaçamento da atividade dos Bandeirantes, da mineração e da formação de fazendas ocorridos durante o século XVIII no coração do Planalto Central do Brasil, encontramos os fios condutores para compreender a origem da cidade (Silva, 2011, p.2).

Em 1922, o presidente do Brasil à época, Epitácio Pessoa, determina a construção do assentamento da Pedra Fundamental e designa para a realização desta missão, o engenheiro Balduino Ernesto de Almeida, diretor da estrada de Goiás com sede em Araguari Minas Gerais. A pedra fundamental da futura capital do país era baseada no sonho de Dom Bosco e deveria ser alocada no ponto central do Brasil, e seria construída no centenário da independência do Brasil. De acordo com a Administração Regional de Planaltina,¹⁴ Balduino Ernesto de Almeida, somente foi por telegrama cerca de dez dias antes que erguer o monumento e inaugurá-lo de forma solene, exatamente ao meio-dia de 7 de setembro.

Como dito no documento *Relatos... Planaltina* (1985, p.15), no dia da independência, 7 de setembro, com uma caravana composta de 40 pessoas é assentada a Pedra Fundamental no Morro do Centenário, na Serra da Independência, situada a 9 km da atual cidade de Planaltina.

¹⁴Em solicitação de informações via e-mail a assessoria de imprensa da Administração de Planaltina informou sobre a determinação da criação da Pedra Fundamental.

Planaltina é integrada ao DF quase cem anos depois, em 1960 com a criação da nova capital. Com a delimitação do quadrilátero que viria a ser o Distrito Federal, Planaltina foi um dos municípios de Goiás que teve seu território dividido. A antiga sede do município foi levada para fora do DF e passou a ser chamada de Planaltina de Goiás e tem o apelido de Brasilinha, por conta da antiga fazenda Brasília na localidade. A parte do antigo município incorporada pelo atual DF se transformou na região administrativa de Planaltina, situada a aproximadamente 40 quilômetros do Congresso Nacional. Habitam na localidade, cerca de 180 mil pessoas¹⁵.

¹⁵ Dados referentes ao último levantamento do PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios. Disponível em <<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/PDADPlanaltina.pdf>> Acessado em 12 de novembro de 2014.

6. METODOLOGIA

6.1 Conhecendo o time “Sem Quadra Esporte Clube”

Em 2011, durante uma aula de Comunicação Comunitária¹⁶, disciplina ofertada na Universidade de Brasília, Pedro Paulo conheceu a história do time “Sem Quadra Esporte Clube”, equipe montada com garotos que compunham a escolinha de futebol de Carlos Daliga, o Grupo Força Popular (GFOP), situado na Estância em Planaltina. O time era treinado por Daliga pelo fato das poucas condições estruturais e financeiras que vivenciavam a época. Havia falta de quadras, chuteiras e uniformes por parte dos meninos, que tinham entre 10 e 13 anos de idade.

Daliga relatou para os universitários entre diversas histórias a história do “Sem Quadra”, o time de garotos que faziam parte do juvenil do GFOP. Daliga contou que treinava o as crianças da Estância desde 1998, e por isso ficou conhecido como um fomentador do futebol na localidade, o que fez ser convidado para participar do importante Torneio da Paz. Naquela ocasião, Daliga apenas citou de forma sucinta a história do “Sem Quadra”.

A curiosidade e o interesse por esse assunto fez com que Pedro Paulo algum tempo depois pesquisasse mais a respeito do tema e conversar com o orientador deste trabalho para resgatar aquela história que havia ouvido em Planaltina e desenvolvê-la em um possível Trabalho de Conclusão de Curso.

6.2 Produção e realização

Decidido pelo tema, reencontrar Carlos Daliga foi de certa maneira, tarefa descomplicada. Pedro Paulo entrou em contato por telefone com a presidente da Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina, Simone dos Santos Macedo, e por intermédio dela obteve o contato de Carlos Daliga.

As conversas iniciais foram pelo telefone e Daliga indicou ex-alunos da Escolinha para uma possível entrevista. Com o encontro marcado, deu-se o surgimento de variadas formas de realizar a reportagem, sendo decidida uma telerreportagem na qual os integrantes do “Sem Quadra” relatariam o episódio da participação da equipe no Torneio da Paz em 2001. Com primeiras entrevistas¹⁷ (incluir nota de rodapé com as datas), Pedro Paulo obteve acesso

¹⁶Disponível em: <www.comcom.fac.unb.br>.

¹⁷Entrevistas concedidas via telefone no período de 19 a 24 de maio de 2014.

a fotografias da equipe, ao troféu, e ao primeiro contato com a quadra reivindicada e conquistada com a participação do time no campeonato.

Primeiramente foram realizadas entrevistas com o jogador Rafael Santos e com Carlos Daliga, em frente à quadra. A entrevista contou com auxílio dos estudantes de Comunicação Comunitária, que contribuíram com o manuseio da câmera e na questão do áudio. Os alunos e o professor Fernando Oliveira Paulino participaram da atividade, fazendo perguntas a Rafael e para Daliga.

Depois da realização dessa primeira entrevista, houve o contato com Carlos Daliga para a produção da entrevista e possível reencontro da equipe do “Sem Quadra”. Infelizmente, Daliga estava com pouco tempo e durante um período a produção ficou estagnada. Passada a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil (2014), o contato foi restabelecido, porém Daliga disse que continuaria com pouca possibilidade de falar novamente com a equipe e providenciaram os números dos telefones de Milton Júnior e José Carlos, jogadores do “Sem Quadra”.

Após o contato por telefone, com a impossibilidade de as entrevistas acontecerem em Planaltina, os registros aconteceram com Milton Júnior e Zé Carlos em frente a uma quadra poliesportiva no Plano Piloto, cujo objetivo era ter um cenário parecido com o qual foi realizado a primeira entrevista.

Milton e Zé Carlos relataram casos específicos do campeonato, e relembrou lances como o “gol mais feito do campeonato”, que poderia ter dado o título ao Sem Quadra, mas que Milton acabou por perder. Após as entrevistas, um pré-roteiro foi organizado para complementar a telerreportagem e simular cenas relatadas pelos entrevistados que vivenciaram a história.

Os formandos entraram em contato com uma escolinha de futebol de Planaltina e conseguiram agendar com aproximadamente 10 meninos no domingo 2 de novembro de 2014. O registro de imagens com garotos era importante para colocar o espectador da telerreportagem dentro da cena, se sentindo no acontecimento. Além do mais, os entrevistados já possuem uma diferença de idade com mais de 10 anos e não têm muitas fotos do campeonato, o que faz das imagens de registro um auxílio nessa produção.

No mesmo dia em encontro com Carlos Daliga na Quadra da Vila, a quadra onde ocorreu o Torneio da Paz, ele recontou a história do futebol em Planaltina para os garotos, que, tiveram a surpresa de saber que jogadores renomados, como Lúcio¹⁸ e Dimba¹⁹, haviam

¹⁸Lúcio Ferreira é jogador de futebol e ex-capitão da Seleção Brasileira. Começou a carreira como jogador de futebol em Planaltina e foi campeão mundial em 2002, pela Seleção.

atuado naquela mesma quadra de futebol da Vila Vicentina, local onde ocorreu o Torneio da Paz. Daliga relembrou a história do Sem Quadra para os meninos e ajudou na reconstituição de algumas cenas daquele Torneio da Paz – como o gol mais feito do campeonato, que o Milton Júnior perdeu.

Coincidentemente, foi para o organizador do Torneio da Paz, João Leite, que ligamos para convidar as crianças a nos ajudar na recriação. Aproveitamos a conjuntura e realizamos uma entrevista com ele a fim de sabermos um pouco da visão da organização do campeonato sobre a participação do time Sem Quadra, além de como foi o desenrolar dos acontecimentos para conseguir a quadra. Atualmente, João Leite está envolvido no trabalho com dois projetos sociais de Planaltina, que envolve crianças e treinamento de futebol.

6.3 Pós-produção

Para a realização da reportagem, houve a necessidade de busca pelos personagens que protagonizaram a história, entrevistas para coletar informações, acesso a referências audiovisuais mais antigas e outras atuais sobre o assunto esporte e/ou inclusão social, como a série do jornal Esporte Espetacular²⁰ “A Base”, para dar-nos referência, tanto de imagética, estética, artística quando textual e de linguagem a ser abordada na nossa reportagem.

Quanto às pós-produção, pensamos na edição de todo o material coletado durante as etapas anteriores e criação artística para composição da reportagem. Após a captação de do material, entramos em contato com o Marcos Júnior, editor de imagem, para corroborar na produção da telerreportagem.

Na construção textual, agradecemos as contribuições de Ylene Ribeiro, jornalista e editora de texto, que ajudou na realização do roteiro e estruturação textual. Por fim, com a colaboração de amigos, produzimos da arte para a capa do DVD que foi entregue para a banca examinadora, junto com este memorial.

6.4 Planilha de gastos

Os gastos com a produção da telerreportagem foram com fitas e pós-edição, ilustração e transporte com um total de 280 reais.

¹⁹ Jogador de futebol de renome nacional. Iniciou no futsal em Sobradinho. Durante a juventude jogou futsal em Planaltina.

²⁰ Reportagem do Esporte Espetacular da TV Globo. Série: A Base. 2014. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/esporte-espetacular/v/primeiro-episodio-de-a-base-da-terra-a-grama-aborda-inicio-da-carreira-de-jogador/3691676>>. Acesso em 11 de novembro de 2014.

FITAS MINI DV – R\$ 45
PÓS-EDIÇÃO – R\$ 50
TRANSPORTE – R\$ 65
LANCHE PARA AS CRIANÇAS – R\$ 15
ARTE DO DVD – R\$ 5
ALMOÇO DA EQUIPE DE GRAVAÇÃO (1 DIA) – R\$ 80
GRAVAÇÃO DVD (COM CAPA) - R\$ 20

6.5 O futuro da telerreportagem “Sem Quadra Esporte Clube: Mais que um jogo”

Além das cópias em DVD entregues para a banca e da versão final a ser enviada para a Biblioteca Central da UnB, pretende-se veicular a telerreportagem na Internet por intermédio do YouTube²¹ e posteriormente em outras redes sociais, como Facebook²² e Twitter²³. Dessa forma, há a possibilidade de acessos posteriores em sua estrutura e também a facilidade de repercussão da telerreportagem.

Ademais, pretendemos oferecer um DVD com a telerreportagem a cada integrante do time que tivermos um possível contato, por meio do técnico Carlos Daliga, e ao grupo de crianças que nos ajudaram na realização do trabalho. Em um breve futuro, pretendemos manter um blog onde iremos hospedar a telerreportagem, alimentando-o com textos de bastidores e realização da produção, e um espaço para o time do Sem Quadra deixar memórias sobre esta inspiradora história.

7. CONCLUSÃO

A proposta de recontar a história do time Sem Quadra Esporte Clube foi bastante satisfatória. Conhecemos a história por intermédio do Carlos Daliga, numa das aulas de Comunicação Comunitária. De imediato, houve a percepção de que poucos sabiam desta história, mesmo os moradores do bairro Estância, onde está localizada a quadra que foi

²¹Sítio que permite que internautas carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Pode ser acessado no endereço <<https://www.youtube.com/user/SemQuadra>>;

²²A página do Facebook do Sem Quadra pode ser acessada no endereço: <<https://www.facebook.com/SemQuadra>>

²³A página do Twitter do Sem Quadra pode ser acessada no endereço: <<https://twitter.com/SemQuadra>>

construída como uma demanda dos participantes da equipe ao participarem do Torneio da Paz.

Uma história singular, um time de futebol, disputa pelo bairro um tradicional torneio de futebol e apesar de todas as dificuldades que certamente teriam, decide batizar o time de Sem Quadra Esporte Clube, revelando para os presentes durante o torneio que no bairro Estância não havia se quer uma quadra "para os garotos jogarem bola", como conta Daliga.

Com a realização do trabalho, percebemos a importância do futebol como instrumento social. Os depoimentos nos mostram que a falta de oportunidade ou até mesmo a falta de acesso, nesse caso à prática esportiva, poderia levar vários jovens a outros caminhos. Daliga conta que ali na escolinha que deu origem ao time do Sem Quadra diversos garotos perdiam frequentemente amigos, conhecidos, para a criminalidade envolvidos com drogas e furtos.

É necessário salientar a importância da conquista desses garotos em 2001, mas não de forma imediata. Apesar de terem vencido, terem conquistado o direito à construção da quadra, a demora para realização da obra ficou evidenciada na reportagem. Um dos jogadores do Sem Quadra, Rafael Rodrigues Santos, até a realização da reportagem, não tinha entrado na quadra. Rafael passava pelo local, sabendo da história, mas sem ter jogado nem uma partida naquele espaço que tinha ajudado a conquistar.

Todos tiveram um papel meritório no time do Sem Quadra, destacando o episódio final do campeonato, no qual o jogador Milton Júnior perdeu "um gol que não podia perder" e isso resultou na derrota na final do campeonato. Como penalidade, Júnior teve que postular a criação da quadra poliesportiva no bairro para o administrador, um dos pontos altos da história do Sem Quadra Esporte Clube.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. Por um novo Paradigma do fazer políticas - políticas de/para/com juventude. In: Revista Brasileira de Estudos da População, São Paulo, v. 19, p. 143-176, 2002.

AZEVEDO, Maria Veronica Rezende de. Telejornalismo educação para a cidadania. São Paulo: Beca, 2004.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. Manual do Jornalismo Esportivo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COUTINHO, Claudia. Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos, São Paulo, Summus, 2005, apud Maluf, André.

DaMATTA, R. et al. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. RJ, Pinakothke, 2002.

FERREIRA, Anne da Rocha. O fait divers no Telejornalismo atual brasileiro. Rio de Janeiro: Univercidade, 2008.

KUNCKIC, Varela Jr. Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul- Manual de Comunicação. São Paulo: Editora USP, 1997.

MAIA, R.C.M. Mídia e deliberação. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

(ORG), Arfredo Vizeu. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RIBEIRO, Lavina Madeira; RENAULT, Letícia. “O Imaginário no Telejornalismo e no Webjornalismo”. Brasília, Universidade de Brasília, 2010.

SILVA, Elias Manoel da. De Mestre d'Armas a Planaltina: Reflexão Histórico- Crítica Sobre a Fundação Da Cidade. Brasília: Edição própria. 2011.

SALVIANO, Murilo. "Plano Haiti: A história de Haitianos traficados ao Brasil". Brasília, Universidade de Brasília, 2013.

SANTOS, Rafael Oliveira dos. "Critérios de noticiabilidade e newsmaking no Globo Esporte Brasília". Brasília, Universidade de Brasília, 2013.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. "O telejornalismo brasileiro num cenário de competitividade", Intercom, São Paulo, vol. XVIII, n. 1, jan/jun 1995.

THOMAZ, Patrícia. "A linguagem experimental da videoreportagem". Marília, Universidade de Marília, 2006.

8.1 Referências Eletrônicas

Administração de Planaltina. Disponível em < www.planaltina.df.gov.br>. Acessado em 6 de novembro de 2014.

ATUCCH, Leonardo, "Davi e Golias". 2010. Disponível em <http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/78195_DAVI+E+GOLIAS>. Acessado em: 21 de novembro de 2014.

BERSC, R, TONOLLI, J.C. "Tecnologia Assistiva". 2011. Disponível em <<http://www.assistiva.com.br>>. Acessado em: 21 de novembro de 2014

DE LIMA, Marco Antunes. "As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil". 2006. Disponível em < <http://www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html>> Acessado em: 6 de novembro de 2014.

Esporte Espetacular. "Série de reportagens: A Base". 2014. Disponível em < <http://globo.com/rede-globo/esporte-espetacular/v/primeiro-episodio-de-a-base-da-terra-a-grama-aborda-inicio-da-carreira-de-jogador/3691676/>>. Acessado em 25 de novembro de 2014.

Globoesporte.com. Disponível em < <http://globoesporte.globo.com>>. Acessado em 21 de novembro de 2014.

LanceTV. Disponível em < <http://www.lancetv.com.br/>>. Acessado em 24 de novembro de 2014.

9. APÊNDICES

9.1 Tabela de Entrevistados

ENTREVISTADO	OCUPAÇÃO	POR MEIO DE:
Carlos Daliga	Técnico do Sem Quadra	Entrevista gravada e telefone
Rafael Santos	Jogador do Sem Quadra	Entrevista gravada
Vera Lamounier	Secretária da Administração de Planaltina em 2001	Telefone
Milton Júnior	Jogador do Sem Quadra	Entrevista gravada e telefone
José Carlos Marinho	Jogador do Sem Quadra	Entrevista gravada e telefone
João Leite	Organizador do Torneio da Paz	Entrevista gravada e telefone

9.2 Decupagem das entrevistas gravadas

FITA 001

TC 02 04

Carlos Daliga

Eu gosto sempre de colocar as datas, os anos, para poder ilustrar um pouco mais. Para poder voltar um pouco ao tempo, entender o que que era na época. Então, eu falo que tudo começou foi em 1998, quando a gente veio para essa comunidade, eu vim morar nessa comunidade a gente sentiu a falta do poder público dentro da comunidade. A inexistência das praças esportivas, campo de futebol, as quadras de esporte. Então, essa inexistência... eu morava em uma localidade onde tinha tudo. Tinha quadra, tinha campo. Então, a gente sabia ali o momento certo de se divertir e a gente brincava o dia inteiro, quando era garoto, e fui crescendo com isso. Depois de uma hora para outra a gente dá um boom. Vai para uma comunidade onde não tem nada. Só que a gente já está adulto, a gente sente essa dificuldade para quem? Pros jovens.

02 53

Pra garotada que deveria ter esse espaço, não tem esse espaço. Isso foi em 98, foi aí que a gente teve essa ideia de criar as escolinhas, criar o futebol amador adulto, exatamente para isso para a gente buscar os espaços, o esporte e lazer. A integração da comunidade, do conhecimento da comunidade, para a gente sanar um pouco os problemas, tanto que o esporte sana os problemas da violência, a gente sabe muito bem disso.

03 24

(Como era antes?)

Era mato, era um cerrado que existia aqui nessa localidade, tudo isso daqui era cerrado, tudo isso aqui. Inclusive, os bens públicos que hoje estão aqui atrás dessa quadra, eles foram construídos depois que a quadra veio. Teve início com a quadra, abriu o espaço, a descoberta que isso aqui era área do governo. Ai depois que veio os outros bens públicos para cá. Então isso aqui tudo era cerrado. E tinha um campinho de futebol aqui onde a garotada brincava, e aí que veio a ideia da gente poder formar uma escolinha de futebol, e essa escolinha foi crescendo, foi crescendo. Eu acredito de lá, até 2010, quando a gente encerrou as escolinhas, eu acredito que mais de 600 atletas passou por esta escolinha.

04 10

(criação do sem quadra)

Na época eu acho que tinha uns trinta garotos, uns trinta a quarenta garotos. E meninas também. Tinha as competições em Planaltina, aqui na localidade, han, aqui na localidade...

05 49

Nós criamos essa escolinha de futebol, a gente treinava em um campinho aqui e treinava em um campo da CAESB que é um campo mais distante daqui da localidade. Isso foi em 98, 99, 2000, 2001, e foi sempre assim mudando, a cada ano a gente ia mudando as idades. A escolinha assim, quando você começa com 15 anos, daqui a três, quatro anos já fez 18. E já tá fora. Aí já entra aqueles que estavam com dez, 13, 14 e vai sempre renovando. Tem essa renovação.

06 24

(E da criação do Sem quadra?)

O Sem Quadra foi especial, ele foi único. Foi o nome do time. Porque a escolinha era chamada de GFOP, Grupo Força Popular. Mas o Sem Quadra, é um nome único, para poder reivindicar a quadra de esportes aqui para a localidade. Foi em 2001, para a gente disputar do Torneio da Paz, Festival da Paz. E isso foi feito exatamente com essa garotada, que treinava no campo, que era terra batida, totalmente sem condições de, da prática desportiva. Mas, era o único espaço que a gente tinha, não tinha outro espaço, não tinha quadra para treinar e a gente veio e juntou essa galera com convite da administração regional, para disputar esse torneio no centro de Planaltina, nós formamos essa equipe e vimos de uma forma, de um meio de reivindicar a quadra para a localidade, a única forma que tinha era essa. Poder participar do grande evento, um evento gigantesco. Tinha 32 equipes, de toda Planaltina e de fora de Planaltina também. Sobradinho também. Vieram disputar esse torneio e a gente conseguiu, com os pais, com o apoio dos pais, levar essa garotada daqui. O Rafael mora um pouco mais distante daqui, lá do outro lado, perto do, da antiga barreira eletrônica, já lá em cima. Mais distante para ele ainda, acho que para ele dá uns sete, oito quilômetros. E os daqui já daria mais ou menos uns cinco a seis quilômetros, da localidade, da quadra, do centro de Planaltina. Que disputou esse futsal. E a forma que a gente utilizou era esta, vamos participar para poder reivindicar

(TC:08:18). E a única forma de reivindicar não seria comum, o nosso time é o time da Estância, vamos participar. Não, não ia dar efeito nenhum para Planaltina, não ia dar efeito nenhum para o poder público e aí eu tive a ideia, primeiro, eles torceram a cabeça um pouco. EU falei: "Gente o nome do time vai se chamar Sem Quadra." Eles: nãããã, não quero, vou passar vergonha e tal. Eu não, é a única forma. Não tem outra forma.

TC 08 48

Na reunião, ela convidou, falei que não. Que não tinha como, depois eu voltei e falei não, assim, vamos participar! E ela: "qual nome do time?" E eu: "Sem quadra esporte clube". E ela disse, não, não pode, pelo amor de Deus. Vai atrapalhar todo nosso... não. Não convidou? Então...

09 14

No início eles acharam, eles sentiram um pouco assim desprestigiados. Né... porque o nome Sem quadra, ir para outra localidade e falar que não tinha quadra, eles não entenderam no início, não entenderam bem o que a gente queria. E eu falei para eles: "gente, isso aqui é coletivo, se a gente não utilizar desta forma lá, a gente nunca vai ter uma quadra na Estância,

porque eles nunca vão lá ver a nossa necessidade. Então, a gente tem que trazer a necessidade para dentro de Planaltina, a gente tem que unir forças com quem está em Planaltina e com quem tem quadra, com quem tem esporte e lazer, com quem tem praça esportiva. Porque se Planaltina adotar a ideia, vai estar todo mundo com a gente, e se tiver todo mundo com a gente, o poder público vai olhar para gente. Vai pressionar e se pressionar vocês vão ganhar a quadra. Isso foi a ideia passada, aí eles na hora tal, todo mundo adotou a ideia. “Não, é isso mesmo”. “Tamo junto. Vamo’.” Chamei os pais, conversei com os pais.

10 15

Material eu consegui, na época, eu tinha o material, da escolinha. Já tinha o uniforme, que assim, foram comerciantes que ajudaram, poucos comerciantes que já tinha, ajudaram na época. E a maior dificuldade era tênis, eles jogavam no barrão, quem não jogava descalço, jogava de chuteira, mas na quadra é tênis, não tinha como e ainda teve um ou dois que foi de chuteira pra lá, ainda. Um ou dois, não lembro quem foi, eu lembro que tirei e disse que aqui não tem como jogar de chuteira, né? Porque eles não tinham esse conhecimento, a dificuldade era tremenda. E assim, a gente conseguia tênis emprestado para disputar o torneio, tênis emprestado. Como eu mostrei na foto, tem gente descalça aí na foto.

11 05

Já chegavam cansados, mas, a empolgação era tremenda, acho que a superação deles foi o mais importante

[Rafael] A vontade era maior né.

[Carlos] A vontade era maior porque a ideia deles, porque eu falei: A gente vai participar, se a gente jogar um jogo e perder e ir embora para casa... não tem problema. O que a... a gente vai participar para reivindicar.

Rafael Santos

TC 11 30

Eu já fazia parte a uns dois anos da escolinha, a gente disputava os campeonatos, infantil na época, né? Juvenil também. E aí quando veio essa proposta, a princípio pelo nome foi desanimador, porque ninguém queria... Houve a resistência no início, por causa do nome, mas, depois que a gente entendeu qual era a visão do Carlos, que era pro futuro também, aí

todo mundo aceitou e virou graça, no meio do grupo né. E aí todo mundo aceitou e fomos participar lá do evento.

12 13

De bicicleta. Já e assim, a gente viveu uma situação muito difícil, porque... nem todos tinha(m) uma bicicleta, quando não iam a pé, um ia carregando o outro, e assim a gente passou por cima de tudo isso e a nossa motivação, era outra né. De chegar lá e não só competir, o Carlos colocou: "oh, se a gente fizer um jogo e perder e for eliminado, já está bom. A gente já participou, já mostramos o que a gente queria mostrar. Só que a motivação do grupo era outra, a gente falou: a gente não vai lá só para jogar um jogo e sair, a gente quer ir para disputar esse troféu aí né. E a motivação do grupo era essa.

13 06

Até a aceitação do grupo era difícil, desde a colocação do nome, como o Carlos falou aqui para... Para aceitarem o nosso nome, foi difícil. Então a gente sabia que não ia ser fácil, e a gente já vinha vivendo isso, independente do campeonato da quadra né, os campeonatos do terraço, também a gente já vivia essa dificuldade, por ser um time, uma equipe de um bairro mais afastado, a gente já sofria com esse preconceito. E a gente sabia que ia ser mais, mais um obstáculo. E assim, para quem vem de baixo, para quem vem da periferia, para alguns soa de uma forma diminutiva, mas para outros é um combustível maior. Para chegar lá e mostrar seu potencial. Então a gente encarou como mais um desafio.

14 00

É difícil lembrar todos os jogos, não vou conseguir lembrar todos os jogos. Não sei se o Rafael lembra mais do que eu, porque é mais novo. Mas assim, os dois primeiros jogos foram os mais difíceis, né? Porque os dois primeiros foram (decididos) nas penalidades máximas, e eu acredito que foram nesses dois jogos que a gente conseguiu chegar até à final. Porque, conseguimos empatar o primeiro jogo, foi com a equipe de Sobradinho. Só para ter ideia, eu vou comparar, a garotada chegando de bicicleta, um carregando o outro, todo mundo cansado, na garrafinha de água. Correndo atrás de tênis emprestado. E o time de Sobradinho chegou em um ônibus, chique, todo mundo desceu engomadinho, arrumadinho, todo mundo bonitinho, já uniformizado com camiseta de atleta, desceram e depois trocaram e vestiram o uniforme, receberam a palestra lá de cinco ou seis professores de educação física, e a gente largado, debaixo de uma sombra, todo mundo bebendo água, cansado, atrás de tênis e pega

uniforme aqui, vai ser esse mesmo e ´tals´, e eu passei para eles: “gente, ó não se preocupem com adversário, quando vocês vestirem o uniforme, eles vão estar de uniforme dentro da quadra todo é igual”. Vocês não precisam se preocupar aqui fora, vocês têm que se preocupar lá dentro, lá dentro de uniforme todo mundo é igual. Então, vocês façam o papel de vocês, foi quando eles tiveram essa, esse incentivo e lá dentro realmente foram iguais ao time de Sobradinho e empataram o jogo, levaram para os pênaltis e ganharam. A torcida de Planaltina, (as pessoas) já começaram aí a gostar do time, viram a humildade da garotada, a força, a vontade que eles tinham. E tiraram uma equipe que seria favorita do campeonato, a equipe de sobradinho, ali ao tirar aquela equipe já começaram a ganhar a torcida ali.

16 21

A gente já tinha, como vou dizer, esse preparo psicológico, a gente já jogava contra um time psicológico também e a gente sempre dependeu de muita ajuda, de patrocínio, a questão de uniforme, a gente já tinha participado de outros campeonatos de ter vivido essa mesma situação, do outro time chegar com uma estrutura bem melhor e a gente chegar com aquela nossa limitação ali. Mas, as palavras do Carlos foram fundamentais naquele dia, de dizer o seguinte: "Quando estiver dentro da quadra, é o mesmo nível, vão ser um time contra o outro, então vocês têm que se preocupar lá dentro." Então, a gente já entrou com um gás maior, e com a vontade de vencer, uma coisa que o Carlos colocou aqui, que eu tô lembrando aqui agora, que quando a gente ganhou esse primeiro jogo, as pessoas pararam de rir da gente, quando a gente chegava, todo mundo rindo, “- ó lá, ó os sem quadra lá, os pé descalço”. Aí, quando a gente tirou essa equipe, no outro jogo a coisa mudou. Eles já estavam torcendo para gente, então foi motivando mais ainda, pra gente poder chegar... aí ganhamos força.

17 29

Aquela ideia de torcer pro mais fraco, pro mais humilde. Sempre a gente vê isso, né?

17 39

Foi ganhando os jogos, torneio é assim, um jogo atrás do outro, aí tem um período de descanso, aí entra a outra equipe e vai jogando. E quando a gente foi olhar, já era uma hora da tarde. Já dava duas, aí a preocupação, naquela época não existia celular, gente. Era telefone residencial ou orelhão e aqui Estância era pior, porque aqui não existia telefone residencial, aqui só tinha orelhão, um ou dois orelhões por aqui, não tinha telefone residencial. Então, como se comunicava com os pais? Não tinha como se comunicar, aí a preocupação começou a

crescer, eu lá preocupado, com eles jogando e preocupado com os pais, pensando: eles vão me matar. Pô, eles não sabem onde estão os garotos deles, alguns estavam por lá, mas já tinha ido embora, almoçado e voltado. Aí começa a chegar pai, preocupado com o filho, um trazia o outro: e cadê meu filho? E aí eu falei: "Gente, vamos fazer torcida, porque eles estão ganhando!" Aí começaram a juntar pai, para poder torcer, né? Quer dizer a preocupação deles, já vieram de uma outra forma, já vieram para trazer bons fluídos e torcer pela garotada e viram que o negócio era sério, que a gente não estava ali, só mais brincando, agora era para ir pro título mesmo né, já tinha ganhado, dois, três, quatro jogos, agora 'vamobora'. Agora, vamos ter que somar e chegar na final.

19 10

Foi bem desgastante, a gente chegou no limite mesmo. Eu acho que a gente só perdeu por causa disso também, né? Fator físico pesou muito. Já se arrastando já, montado estratégia: "ó eu vou ficar, não dá para correr, a perna não responde mais." E a gente foi na raça mesmo. Mas pesou muito.

Assim, minha mãe sempre me apoiou, assim, até me profissionalizei depois com apoio do Carlos e da família, assim sempre incentivaram, mas, ela nunca teve essa disposição de sair para ir acompanhar jogos, mas o meu irmão, que fez parte também da escolinha e ali sempre incentivando. Mas, tinha o apoio da família sim.

20 02

O detalhe é que o irmão dele que levava ele na bicicleta, ele não ia pedalando, o irmão dele que levava ele. Era muito pequeno.

20 17

Olha, vou ser sincero para você, na época a emoção foi muito grande. A gente parou assim, antes da final, quando ganhou o último jogo, sentamos embaixo de uma árvore e falou: galera "- 'ó eu acho que nós já chegamos, já demos o recado". Toda a torcida que estava lá, era muita gente, estava lotado, lotado, uma quadra fechada de gente. Eles gritavam o nome de Sem Quadra. Quando a gente ia pro ataque era: "Sem quadra, sem quadra." Com um coro enorme, que eu ficava arrepiado assim na hora. Cara isso não está acontecendo, né? E a garotada ia na empolgação, a gente tinha o Juninho. Ele podia contar essa história da final... Ele errou um gol que eu quase bati nele. Todo mundo, né Rafa? Porque ele segurou na trave

para fazer o gol e chutou para fora. Ele segurou na trave, sem goleiro sem nada. E todo mundo gritando, todo mundo colocou a mão na cabeça... aquele gol seria o gol do título, da gente, né? Ele errou... mas, ele era muito pequeno na época, não dava para cobrar na hora, a empolgação a gente... Mas, até a hoje a gente comenta, a gente encontra com ele, a gente bate esse papo e ele fala: "cara eu não sei, só sei que segurei na trave para não cair." Talvez ali a perna tenha tremido, talvez o cansaço do dia inteiro ali, e tal. Talvez seja isso, mas, foi muito bom. A final foi excelente, uma torcida toda a favor, um mundo inimaginário para a gente. A gente saiu de uma localidade que a gente não sabia o que ia acontecer, e foi tudo novidade, foi tudo acontecendo, a garotada jogando bola, ganhando jogos, ganhando dos times tradicionais de Planaltina, do pessoal que chegava lá e achava que já era campeão, perdia para gente. Eles não entendiam porque estavam perdendo para gente, falavam: "ó, estou perdendo para esse time lá da Estância, esses caras nem quadra tem, nem treinam na quadra e estão ganhando da gente." E assim foi.

22 10

O contato que o nosso grupo tinha com quadra era nenhum praticamente, ninguém tinha costume de jogar em quadra, e a gente foi levando.

22 25

Foi emocionante, hoje a gente olhando pode parecer algo simples, mas, na época foi muito emocionante, primeiro da forma que a gente entrou na competição, desacreditados, e fomos passando, as fases e chegar na final para gente foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Conseguimos dar o recado que a gente tinha para passar e chegamos na final, isso foi bom demais.

22 55

Não perdemos. Ganhamos, né? Isso foi o mais importante, tanto que eu acho que o campeão não lembra dessa história. O campeão não lembra. Para eles, deve ter guardado o troféu, deve estar lá numa caixinha, para ele passou. Mas, para gente não. Pra gente está aqui hoje o Rafael. O Rafael é pastor, e eu fico orgulhoso disso, foi meu aluno, passou por isso, e hoje está ensinando à garotada a palavra de Deus.

Têm projetos, e os demais tudo dessa forma, eu tenho outros que também são professores de educação física, técnicos de informática, policiais militares. Então, dessa turma aí, todos foram salvos. Exatamente por conta de projetos sociais e esportivos, né?

23 59

- (Carlos, você teve perda, de algum deles?).

Não, nessa turma não. Em outra época eu tive perdas, dessa turma aí eu não tive. Por causa do crescimento do bairro também, né? O mundo vem mudando, vem mudando, e mais para frente eu realmente tive, uma outra formação, de um outro time, eu tive perda para as drogas, tive perda para a violência.

Mas com essa turma aí não, essa turma veio em uma época certa, eles aprenderam tudo junto, eles se encontram hoje por aí, eles contam essa história ainda, o mais interessante né. Aonde eles se encontram, eles batem esse papo e sabem que eles eram todos irmãos nesta época e que cresceram irmãos juntos. Muito bacana.

24 50

Pois é, quando terminou o jogo, nós perdemos acho que foi de 4 a 3 o resultado, estou me lembrando, não. Foi um gol de diferença, e o pessoal da quadra ficou para ver a premiação, ninguém foi embora, todo mundo queria ver a entrega de troféus, na época. E chamaram lá os premiados, e chamaram a gente. Antes de chamar, eu chamei o Juninho, esse que tinha errado o gol, chamei ele e falei: "Juninho você vai receber o troféu de vice-campeão. Mas, na hora que você for pegar o troféu você fala bem assim para o administrador: 'administrador a gente quer uma quadra na Estância. Lá não tem quadra. Por isso que nosso nome é Sem Quadra. ' Você entendeu?" Ele: "entendi." Falei: repete. Aí ele falava tudo enrolado, eu falei: não é assim rapaz, repete de novo. Fiz ele repetir umas quatro, cinco vezes. Aí ele repetiu. Daí eu falei: "se tu errar lá, tu tá enrolado comigo..." Nããã, eu vou falar, agora eu falo, agora eu falo.

E foi dessa forma, quando o administrador chamou o time da Estância para receber o troféu, o pessoal já vaiou. A turma: ohhhhhhhhhhh é o sem quadra, administrador, é o sem quadra. Aí o pessoal começou a gritar: bota a quadra para eles. E ele ficou sem graça, ai ele deu o troféu pro garoto, pro Juninho. Aí o Juninho pegou o microfone e falou: Administrador... E repetiu o que eu tinha falado, ele repetiu certinho, nas mesmas letras. A gente chegou aqui e tal, mas a gente quer uma quadra na Estância. Aí todo mundo aplaudiu e tal. E assim, foi bacana, encerrou ali, esse momento. Mas, aí teve continuidade, depois que o administrador me chamou para conversar, pediu que a gente olhasse uma área que a gente achasse que fosse um espaço do poder público, falei que não sabia que deveria saber era ele. Como vou saber onde tem área do poder público? Quem tem que saber é o administrador, não

sou eu. E eles vieram, trouxeram um pessoal para mapear toda a Estância e descobriram que dessa pista atrás de vocês, para cima, a área é da Terracap. Até então, eles não sabiam disso, achavam que tudo era particular, e daí veio à iniciativa de construir as quadras de esporte. Abriram esse espaço aqui, para construir quatro quadras de esportes, hoje todo esse período depois, nós só temos uma quadra e é em toda a região do Mestre D'Armas, ele sabe que só existe essa quadra aqui. Então a gente só tem essa quadra e o espaço para construir mais três. A primeira ainda está no asfalto, a segunda está meio no asfalto e a terceira foram feitos bens públicos em cima da quadra. Não é de nosso acordo, porque nos estamos perdendo espaço, uma quadra. Um bem público em cima de outro bem público, mas, que seja bom para comunidade.

28 00

A alegria de ser campeão foi muito boa, mas a gente não tinha ideia do peso que teria mais para frente. Que seria o surgimento da quadra aqui. Hoje a gente poder passar aqui e ver essa garotada brincando aí, faz a gente lembrar lá atrás: "poxa, eu contribuí." Eu tô fazendo parte dessa história, porque talvez se a gente não tivesse dado o grito lá, talvez aquilo não tivesse acontecido. Então, assim, hoje para gente é mais gratificante do que foi lá no dia, por ver o resultado.

28 34

Foi uma alegria só, porque a gente viu o fruto né, a resposta do que a gente tinha feito lá, naquele dia. E se não tivesse sido do jeito que aconteceu, talvez não tivesse isso aqui hoje.

28 51

Uma curiosidade é que essa equipe do Sem Quadra, ela não conseguiu inaugurar a quadra. Não conseguiu, porque ela foi feita (com) o asfalto, demorou um ano para colocar as traves, e como eu falei a escolinha ela vai mudando, de ano em ano, né? Vai renovando, vai renovando, e eles foram renovando, ai ele já foi para um time profissional, pro Dom Pedro. Outro foi para outro time profissional, outro viajou para SP para jogar no Corinthians, aí foi dividindo a turma, aí foi separando e não conseguia mais reunir eles, para poder inaugurar a Quadra. Que era um piso de asfalto e apenas a trave. Não tinha mais como a gente inaugurar a quadra.

Rafael Santos: Nunca joguei nessa quadra.

29 32.

Aí, nunca jogou. Tem outros que jogam que brincam direto. Mas ele nunca jogou.

29 37

Pois é, como te falei, eles se dividiram, um ano, dois anos depois a gente ainda conseguiu disputar outros campeonatos, campeonatos de Planaltina, de Sobradinho, a gente disputou alguns outros campeonatos. Em Brasilinha, alguns a gente venceu, outros não. Fomos campeões em Brasilinha, né?

30 18

Essa foto aqui, nós fomos campeão da Copa15. Esse é o Sem Quadra um ano depois, já pro campo, já versão campo. Já não era mais de quadra. Esse aqui foi bem no início da escolinha, aqui tem o irmão do Rafael, o Rafael. Aqui tem uma curiosidade, nessa foto também, aqui tem mulheres jogando bola, nesse time aqui, e essa mulher aqui, ó, essa menina aqui é a esposa dele hoje.

31 18

Essa foto aqui é o Sem Quadra, essa que disputou o torneio.
(ele cita um por um)

32 42

Tem o troféu, quer que mostre o troféu?

33 29

Ele contou o que aconteceu com cada um do time.

FITA 002

Entrevistas com Milton Júnior e José Carlos, jogadores do Sem Quadra Esporte Clube.

Milton Júnior

TC 00 23 Eu era atacante na época, quando eu entrava. A intenção era essa.

00 31 Era(m) da equipe, eu, Zé Carlos e um zagueiro que se chama Edmar, que hoje não mora mais em Brasília. Nós éramos uns dos mais novos da equipe, um ano mais novo, na verdade, que a grande maioria.

01 01 Na verdade, o campeonato, na Vila Vicentina na época era um campeonato teoricamente tradicional, né, Zé? Então, a participação nele foi uma consequência após formarem um time na Estância, após a formação da escolinha. A princípio, todo mundo era boleiro, mas jogávamos todos em campo. O que foi uma dificuldade que nós tivemos na época, de adaptar campo para quadra. Até que para a participação a gente começou a treinar meio campo, né? A gente dividiu o campo, para o tamanho de uma quadra para aprender a tocar como se toca em uma quadra de futebol.

01 41 No final de semana, um sábado se não me engano. Num sábado, foi num sábado, não foi? Não me lembro, mas eu me lembro que foi o dia inteiro, e nós chegamos desacreditados e teoricamente saímos vitoriosos com o segundo lugar no campeonato. Onde, nós passamos o dia inteiro jogando vários jogos, almoçando pelo local mesmo, deixa eu ver o que mais... Basicamente isso, toda uma dificuldade...

02 17 Era uma escolinha que o Carlos Daliga tinha montado, que na época... Na época já chamava GFOPO. Que era o grupo força popular. Onde nós jogávamos para campo. Em campo. Em campo de futebol. Campo de terra. E a participação neste campeonato, em quadra, nesse caso de cimento, foi uma novidade para gente. Foi a participação meio que decidida: vamo(s) jogar? Vamo(s) jogar! Né?

2 48 No terrão. Não tinha quadra na Estância. Exatamente.

02 58 Não, não. Era outro lugar, foi um outro lugar destinado para essa quadra que veio surgir posteriormente.

03 12 Sem Quadra na verdade veio de uma sugestão, e para incomodar também. Para mostrar que nossa realidade, naquela época, não era a melhor comparada aos demais times. O ano exato... não lembro. Tem muito tempo, eu era moleque.

(José Carlos)

03 36 Não lembro

03 42 A sugestão do nome veio, a partir do dono do time. A princípio ninguém aceitou né. Ninguém queria ser chamado de Sem Quadra porque não achava um argumento valoroso, a gente não queria realmente esse nome. Mas, com o passar dos jogos, mesmo ele tendo colocado o nome de Sem Quadra, a gente começou a aceitar e começou a abraçar a ideia de realmente ser chamado ali naquele momento, de sem quadra. E se eu não me engano, posteriormente outros times se chamaram Sem Quadra, porque outros locais não tinham quadra. Não no mesmo campeonato não, campeonatos posteriores, parece que acabou influenciando, eu não sei se realmente influenciou, mas...

04 29 (Sobre o "gol feito" que ele perdeu)

(risadas) Rapaz, nem me lembro disso não. Nem me lembrava disso... Hoje eu estou tão craque, que eu não me lembro dessa época...Basicamente jogos difíceis, né? Porque a gente tinha que... Difíceis entre aspas, né? (Em) alguns jogos a gente teve dificuldade por causa da adaptação, alguns times eram mais acostumados. Mas, o dia começou com a galera montada na bicicleta, porque ninguém tinha condições de outra forma, saindo das Estâncias, indo para a Vila Vicentina. Um lugar que teoricamente era tradicional em campeonatos e em jogos na quadra, né? Engraçado, uma das quadras mais próximas daquela época era a quadra da Vila, né? Mais tradicional. Se quisesse sair para jogar, se quisesse sair para jogar você tinha que sair da Estância, ir para a Vila ou ir para a Praça da São Sebastião. Que na época também era uma quadra sucateada. A melhorzinha era da Vila Vicentina.

05 30 Era uns dez quilômetros, mais ou menos uns dez quilômetros. A mais próxima, no máximo, a da Praça São Sebastião. Aquela era a mais próxima. Essa era sucateada, mas, a da Vila era um pouquinho melhor, na época. Porque os campeonatos ocorriam lá né, então lá tinha mais atenção.

06 00 A gente saía cedo, pegar a bike e saía cedo, sem saber... Na verdade a gente não sabia o que ia acontecer. Porque a gente foi participar de algo, a gente ia participar de um torneio, mas, não tinha noção que o torneio ia durar o dia inteiro, que nos deveríamos levar alimentação e que iríamos passar o dia inteiro ali. Chegando lá a gente descobre mais ou menos como seria o campeonato, foram sorteados os confrontos e a gente aguardou o nosso confronto, onde, vamos dizer, a gente começou a chamar atenção. Porque até então ninguém

conhecia, nunca tinha visto no nosso time, ali. E com a passagem dos jogos, a gente foi acreditando na possibilidade de ganhar e num bendito momento, um fominha passa duas horas com a bola, eu desisti da bola, quando eu vejo... ele toca a bola para mim. Eu seguro na trave.(risadas) E coloco a bola para fora...

07 02 Eu tava dentro do gol, dentro do gol mesmo, segurando na trave, eu botei a mão na trave, segurei a trave e o cara tava com a bola, mais ou menos um pouco antes do escanteio e ai eu falei, esse cara não vai tocar a bola pra mim, não. Então, eu desisti da jogada. Quando eu acordei para a jogada... ele só rolou a bola pra mim, o goleiro já havia saído e ele rolou a bola pra mim. Só estava eu, o gol. A posição que eu estava... é, eu estava encostado na trave, praticamente. Eu consegui bater a bola do outro lado, na outra trave. Eu errei o gol dessa forma. (risadas) Mas não foi culpa minha, a culpa foi dele.

07 46 Todo mundo ficou louco, mas... ninguém me xingou não. Me lembro que na época a galera ficou desesperada, mas, me culparam.

(Era o gol do título?) Era. Me culparam...a derrota né. Mas, depois a gente acabou levando na esportiva, acabou virando um fato engraçado. E eu amargo esse carma até hoje.

08 17

José Carlos

Na verdade não era nem o gol do título, era o gol pra levantar o time mesmo.

08 27 Bom, meu nome é José Carlos, 28 anos, sou goleiro da época do Sem Quadra. Esse momento do Júnior perder o gol, o que que acontece... O placar no momento em que ele perdeu o gol, (o jogo) estava 2 a 1. Para eles. E aí como ele perdeu esse gol, foi onde o time, meio que caiu, aí, nessa caída, foi... o que a gente levou o terceiro gol, era, aquela final lá foi praticamente a gente já entrou perdido já. Vamos se dizer assim. Porque o nosso time estava cansado, a gente passou o dia todo, de oito horas da manhã, até oito horas da noite jogando.

09 23 A gente comeu pão com mortadela e refrigerante. E aí acabou que a gente perdeu a final 5 a 2. A gente conseguiu fazer só mais um gol e o time que a gente jogou era mais preparado que a gente, porque, por ser o time do bombeiro, eles treinavam. E a gente nunca treinava. A gente praticamente só jogava bola em quadra na escola. E jogava brincando, era

difícil ter campeonato, quando tinha campeonato era assim... Não era disputado igual esse que era a comunidade toda, igual foi esse da época.

10 08 Foi. Já era, porque aí foi onde eles cresceram. Eles cresceram, vieram pra cima e teve gols deles lá que você não acreditava que a bola ia entrar, e acabava entrando. Igual teve um gol mesmo deles que, um cara chutou, eu defendi, a bola bateu na trave, bateu nas minhas costas e entrou. Sem noção, parece que foi mágica, mas, isso que aconteceu na final, mas aquele dia foi muito engraçado porque assim: a gente entrou no campeonato de surpresa. Não tinha se preparado, no primeiro jogo a gente ia jogar contra o time de Brasilinha, chamado Bob Marley, disse que era um dos melhores times do campeonato, só que eles não chegaram a tempo, aí a gente ganhou de W.O. Logo na primeira partida, na segunda partida foi onde a gente ganhou, deu a maior goleada do campeonato, a gente ganhou de 23 a 1.

11 15 Tinha um goleiro, um goleiro que veio de São Paulo, que disseram que era o melhor goleiro de Planaltina. Ele tinha ido para um time, profissional e que ninguém metia gol nele. A primeira bola do Jackson, o Jackson meteu a bola do meio de campo e a bola passou por debaixo das pernas dele.

11 32 Foi no segundo jogo, porque no primeiro a gente ganhou do time do Cid. E o time do Cid já treinava. Só que foi muito engraçado, porque a gente estava ganhando do time do Cid de 21 a 0, quando eles conseguiram fazer um gol, a torcida vibrou, porque só tinha torcida deles do lado de fora. Aí a gente pegou, meteu mais dois gols e acabou o jogo, e a gente foi indo. Foi indo... e cada partida era surpreendente, surpreendente. Até que chegou na semifinal. Pra mim o jogo foi mais emocionante que a final. Porque, antes de começar o jogo, o narrador, nem lembro o nome dele, ele estava comentando. Ele é da rádio de Planaltina, não lembro o nome dele.

12 32 Ele fez o que, tinha um rapaz de bigode, ele chamou o rapaz e perguntou "quem é o favorito?" Já que as duas equipes, o time nosso do Sem Quadra e o Sof, que na época era o Gama, representado pelo nome de Sof. Era da escolinha do Gama. Só que eles não estavam usando o nome Gama, eles estavam usando o nome Sof. Era uma escolinha do Gama que tinha em Planaltina na época, aí eles criaram o nome Sof.

13 07 Foi engraçado porque eles tinham ganhado na época, de 19 a 0, no primeiro jogo. Aí a gente deu a maior goleada e eles deram a segunda. E aí foram os dois times que se enfrentaram na semi-final. Quando chegou, perguntou a esse rapaz o que, quem que ele achava que ia ganhar. Ele foi sincero, falou "acho que quem vai ganhar é o time do Sof em cima do Sem Quadra, porque lá na Estância não tem quadra, então o pessoal praticamente não joga em quadra, né?" E aí foi muito bom porque, começou o jogo com... era 15-15 o tempo. Com dez minutos, dez não, com uns cinco minutos de jogo a gente estava perdendo de três a zero. E esse cara que falou o placar lá fora ele ficou enchendo o meu saco. Eu não esqueço disso, eu xinguei ele todinho. Eu xinguei ele, eu xinguei ele tanto porque ele (es)tava enchendo o meu saco que eu não (es)tava aguentando.

14 18 Aí, a gente acabou fazendo um gol, fez dois, terminou o primeiro tempo 3 a 2. Começou o segundo tempo eles fizeram mais um. Aí teve a saída de bola, eu peguei e chutei do meio de campo, fiz o gol. Ficou 4 a 3. Aí a gente conseguiu empatar, viramos o jogo, e terminou o jogo 6 a 4. Então quer dizer, foi o jogo mais emocionante que a gente teve no campeonato todo.

14 54 Esse foi o fator, porque foi um jogo bem disputado e logo depois a gente jogou a final. Teve um descanso de 20 minutos. Esse já foi desgastante. Aí você pega um time do bombeiro, que era treinado, descansado, porque eles tinha(m) jogado antes da gente. E já estavam na final. Aí a gente jogou e jogou a final logo depois. Aí depois que terminou o jogo, a galera pegou e entrevistou um jogador do nosso time. Eu não lembro quem foi na época, aí, perguntou pra ele, o que que ele tinha achado do jogo. Aí o jogador do nosso time falou bem assim: "Não simplesmente o que eu tenho que falar é que é o Sem Quadra. O Sem Quadra ganhou". Aí a gente pegou e começou a comemorar, ficou gritando do lado de fora que o Sem Quadra tinha ganhado, aí foi a surpresa para a final. Aí, como o bombeiro na época já era favorito, a gente nem... Nem esquentou muito. Pelo menos foi uma vitória para gente. Porque a gente, por nunca ter disputado campeonatos assim, ter chegado logo de cara em uma final, isso daí já foi uma vitória.

16 13 Basicamente, a ordem é sempre inversa né, entrega-se o terceiro e segundo lugar e após o primeiro. Após a premiação do terceiro, nós fomos direcionados para uma área, se não me engano uma área esquerda da quadra, para quem está de frente para ela. Que é a área do... da arquibancada, onde tinha o pessoal da organização, logo ao lado. E cada time tinha um

representante para pegar o troféu. E quando a gente chegou lá, na verdade, estava todo mundo feliz, eu (es)tava triste para caramba. Tinha feito merda. Na verdade esses eventos, eles são muito políticos, tá todo mundo rindo, mas, nesse momento foi possível passar a real situação do Sem Quadra. Que foi a hora de exigência de uma quadra, que nós precisávamos de uma quadra. Que é claro, não veio de imediato, mas, foi aproveitado o momento, para passar para a administração que já sabia da necessidade porque o Carlos mexia com futebol há muito tempo. Da necessidade de termos uma quadra nas Estâncias. E depois disso foi pegar o troféu, pegar a medalha e correr pro abraço.

17 48 Cara, muito tempo. Eu só me lembro de realmente ter ido lá. Mesmo sem ser a pessoa para isso. Porque eu não era a pessoa para isso. Até porque eu não tinha essa liderança toda, mas, a influencia do Carlos na gente naquela época era muito grande. Pra ser sincero, foi um ato punitivo dele. Deixa ele. Mas assim, lembrar exatamente o que foi falado... Da indicação sim, da indicação de eu ser obrigado e ir lá falar sim. Eu me senti puto com ele na verdade, porque eu não gostei dessa situação, do fato de ter que ir lá e falar, porque foi punitivo, não da minha vontade de ir lá falar. Mas, foi uma oportunidade né, eu sempre fui muito político também, mesmo sendo jogador, eu sempre fui de ir lá escancarar o que eu queria falar. Foi só uma oportunidade de expressar essa situação. A gente aproveitou o momento e expressou, com base e influências do Carlos.

18 56 Muito jovem, a gente no geral ficava muito calado com essa situação. Na verdade, se não fosse pela influência do Carlos não tinha nem o futebol.

19 11 Pra ser sincero, a resposta dele eu não me lembro. Mas eu sei o que que ele fez. Nada. Porque na verdade, as quadras demoraram um certo período para chegar. Demorou. Demorou muito, até a destinação do local, eles falarem que não podia construir no local que havia sido destinado, aí depois, arrumar um outro local, o local ser doado. Então, teve um certo trabalho, mas, na época, mesmo sendo feito aquele pedido na frente de toda a população. Porque esse campeonato no geral juntava muita gente. Mesmo assim, não veio de imediato. Qualquer resposta que ele tivesse dado naquele momento, "não nós vamos fazer a Quadra." Foi mentira. Ele realmente não fez na época.

20 13 Eu cheguei a utilizar a quadra, antes dessa reformar eu cheguei a jogar umas vezes nela. Mas, como é um espaço livre, ele acabava juntando, além de gente que quer jogar bola,

junta outro tipo de elementos né. E chegou um período de dar muita confusão. Na divisão dos jogos, para jogar e acabava que...

Eu joguei um período, muito curto, mas usufruí daquela quadra que foi conquistada, por causa de um momento anterior, para ser sincero eu desfrutei muito pouco dela. Mas, eu cheguei a usar sim.

José Carlos

20 52 Eu cheguei a usar a quadra sim, a primeira... Logo assim que ela ficou pronta lá, eu comecei a utilizar a quadra. O Carlos até fez um campeonato lá surpresa. Juntando alguns jogadores, eu cheguei a participar ainda de um campeonato que ele fez. Só que, a quadra foi ficando sucateada, por conta de eventos que o pessoal estava fazendo no espaço, pessoal começar a quebrar alambrado, a cortar. Chegou uma época que eu lembro que a Record foi lá fazer uma reportagem sobre isso e logo depois dessa reportagem que a administração tomou uma atitude e foi lá e reformou a quadra, como ela está hoje. Nessa última reforma. Mas na época, a quadra demorou bastante. Como eu falei, a galera só jogava bola mesmo na escola, torneio só era organizado mesmo em escola, ou se não, se você quisesse jogar algum torneio de futsal, você teria que se organizar, com o pessoal da Estância e ir jogar em Planaltina, no centro.

22 20 Na verdade, o preconceito acho que gera até hoje na Estância. A Estância na época era uma invasão ainda, continua sendo, mas era uma invasão sem saneamento, sem transporte, sem asfalto e na verdade, a gente chegou lá como pé-sujo. Um aspecto de pé-sujo. Alguns tinham tênis, outros não tinham. Eu por exemplo, não tinha tênis, eu jogava com tênis emprestado. O cara saía, ele emprestava o tênis para que eu jogasse, um amigo, na verdade o Edinho, né? Quando ele saía, eu pegava o tênis e entrava para jogar. No próprio ambiente, naquela época na Vila Vicentina, até então era o ambiente top de Planaltina. Era o point de Planaltina. Então tinha muita gente no ambiente e a imagem que a gente passava era que nós éramos todos marginais. Pelas vestimentas, pelas condições, pelas atitudes, porque nós éramos mal-educados. Com toda a sinceridade, nós éramos mal-educados, fazíamos barulho, bagunçamos. Pra gente era tudo novidade. E o preconceito era visível, é um preconceito que dura até hoje, na verdade. Ele não acabou.

23 40 Eu (José Carlos) lembro, quando eu comecei a jogar bola, foi uma fase assim que, eu sempre tive o sonho desde criança, mas, nunca tive, vamos dizer assim, expectativa por parte da minha mãe. Porque eu fui criado só pela minha mãe. Eu nunca tive aquela força, e tudo assim. Mas, eu não esqueço até hoje, foi lá na Estância mesmo, no campo da três, eu comecei a treinar na escolinha do Seu Chico. (Você tinha tênis?) Com... descalço. Naquele tempo a gente não tinha condições para comprar chuteira. Descalço no barro. Eu não esqueço que na época eu tive que pegar uma chuteira emprestada, para mim jogar o campeonato. Eu tive que pegar com o meu vizinho, porque ele quase não jogava bola, a chuteira dele ficava jogada, só que cabia no meu pé, na época. Aí foi onde eu arrumei o tênis para jogar na época, no campeonato da quadra. Era o tênis que a gente ia para a escola. Que na época era o Randall. Quem tinha... Era o Randall...

Não podia, porque... Na época a gente sofria muito preconceito, porque, o pessoal que morava na Estância, a gente fica até mesmo ressentindo na escola, porque saía do ensino fundamental e ia para a Planaltina. O pessoal caçoava muito da questão da gente ser da Estância. Na época não tinha saneamento básico nenhum, não tinha asfalto, não tinha esgoto, era só a poeira. Mas hoje em dia mudou um pouco, creio eu. Não sei como funciona, nas escolas do pessoal da Estância, mas, pelo menos na nossa época foi muito difícil para gente. Mas, a gente conseguiu superar. Tanto é que a gente, pela, a gente saiu daquela, vamos se dizer, daquela parte debaixo. A gente tomou uma atitude, uma consciência e procurou uma vida melhor para gente né. É eu e o Júnior hoje, pelo menos o que eu conheço, só nós dois saímos daquela vida.

26 08 Sim, eu me lembro que o Carlos era muito conselheiro nessa parte. Quando a gente era na época da escolinha. Porque ele queria que... ele não queria que a gente se envolvesse com drogas, ficasse na vida errada lá. Ele sempre falava isso para gente. “Ó, se vocês quiserem beber, vocês bebem”. Porque vocês vão ficar bêbados, no outro dia vão ter ressaca e pronto. Isso daí passa. Agora, se você viciar em uma droga, direto, direto, direto, direto, você vai querer, quanto mais você usa, mais você vai querer usar. Então, pelo menos nessa parte aí, é uma atitude boa. Tanto é que até hoje a gente pratica esse esporte. É difícil para gente que já está velho, a gente só vive quebrado. Todo rasgado, ó eu aqui no meu estado. Mas, é um meio, para inclusão social sim.

27 15 Alguns, a grande maioria não terminou o Ensino Médio. Os que terminaram o Ensino Médio são funcionários medianos, ganham um salário em torno aí de 800, 1.500 reais e... Estacionaram na vida. E, poucos conseguiram um futurozinho melhor, fazer um Ensino

Superior. Mas, a grande maioria, acabou vamos dizer entrando no mundo da droga, ou acabou tendo dificuldades na carreira. Praticamente foi o fator principal. Mas, acredito sim que o futebol é um fator de inclusão, que as escolinhas ajudam. Incentivam e no geral costumam formar cidadãos. Eu sou um exemplo claro, não posso lhe dizer que pobreza gera marginal não. Acho até um absurdo alguém dizer isso, eu passei todas as dificuldades da vida, o fato de não ter tênis, o fato de conviver com a droga, o fato de não ter o que comer e conseguir melhorar a vida, vamos dizer que não cheguei aonde eu quero. Mas, a gente já conseguiu melhorar muita coisa. Mas, a grande maioria acabou se entregando para a droga, os que se deram bem, graças a Deus estão caminhando bem. Mas a droga, logo após o fim da escolinha, tanto que foi após o fim da escolinha, você percebe que a droga levou muita gente, ou para prisão ou à morte. Basicamente, isso foi o resultado.

29 01 Eu joguei até os meus 17, 18 anos. O último clube que acabei jogando foi o CFZ. No caso, o CFZ tinha a base dele aqui na cidade metropolitana e uma base em Planaltina. E de Planaltina eles mandavam para o CFZ, aqui da Metropolitana. Então tinha dois CFZ e eu treinava no de Planaltina. Ocorreu uma oportunidade, onde um olheiro da Ponte Preta, viu eu e mais dois garotos e queria que a gente passasse quinze dias em São Paulo. Eu não sei o que aconteceu, esse cara combinou com a gente, ia conversar com as nossas famílias, e, de repente ele sumiu do nada. E a gente descobriu que foi pedido dinheiro e que aconteceu uma situação que para levar a gente teria que pagar antes. Esse cara simplesmente abandonou a ideia de nós levar para São Paulo. A partir desse momento eu desisti do futebol. Passei a estudar e hoje só jogo futebol no sábado para ficar dolorido a semana inteira.

30 06 Eu não consegui parar. Eu continuei desde a época da escolinha, tentei até seguir a vida de jogador profissional, mas, não foi tipo assim, meio frustrante. Porque assim, foi um sonho desde criança. Fui ao primeiro teste, a gente foi junto. Foi, o teste a gente fez lá na escolinha do Flamengo. Tava eu e mais um que jogava no Sem Quadra, na época. De nós três, que acabou passando no primeiro teste só foi eu. Eu passei no primeiro, não passei no segundo, como goleiro. Aí fui para Goiânia, fiz teste no Vila-Nova, não passei. Fiz teste no Gama, meu tio me levou para lá. Não passei também. Fiz teste no Corinthians, não passei. Fiz teste no São Paulo, joguei uns dois meses na escolinha do São Paulo aqui no Minas Brasília. Que foi praticamente a minha última tentativa para tentar ser jogador profissional, porque antes eu treinei no CFZ, durante dois meses. Foi onde eu me conheci mais, aprendi mais coisas, peguei mais experiência. E no São Paulo lá foi onde eu vi que ou eu procurava o

mercado de trabalho, ou eu tinha que esquecer o futebol, assim, profissional. Hoje eu jogo, sou amador, disputo campeonato de quadra, deste campeonato de campo, de terra, gramado. Mas é só isso. Sou amador, profissional eu não consegui chegar aonde queria e foi onde acabou eu correndo atrás dos meus estudos, porque na época eu terminei meu Ensino Médio e não sabia o que queria ser da vida. Já tinha me frustrado, minha idade já tinha vencido, porque quando na época a gente tentou entrar nesse ramo, fazer peneira. Sempre o pessoal queria os mais novos, e a gente já estava com a idade meia alterada. E aí o pessoal, só visando os mais novos, os mais novos... E a gente acabou ficando para trás.

33 00 Foi, é inegável. Não só o Sem Quadra, mas o projeto do grupo GFOP, na época e hoje em dia, o José joga mais do que eu, eu jogo só de vez em quando no futebol amador, um projeto continuado. Na verdade os que continuam jogando futebol e jogam no futebol amador, jogam o pessoal do Sem Quadra, jogam no domingo que é promovido também pelo Carlos. A existência da escolinha, eu sempre fui muito arrogante e brigão. Brigão não, apanhava, eu caçava muita confusão pra mostrar que eu (es)tava ali. E a escolinha me mostrou a ter outra visão, a mudar, a parar de apanhar também, o principal fator. E eu acredito que isso influenciava na nossa época, porque nos íamos para escola de manhã e à tarde era treino. Então você não tinha tempo para o envolvimento com drogas. E eu acredito em si, que esse tipo de projeto deveria continuar existindo. Que ele deveria ter continuado, que deveriam surgir projetos novos, não só com o futebol, mas com outros tipos de atividade.

34 30 Hoje, eu sou professor de T.I em uma faculdade particular, a escolha da área em si, o futebol, não me ajudou em nada, até porque TI e futebol tem nada a ver. Mas, o fato de eu começar a me dedicar a ter uma outra percepção de participar de ter aquela vivência, me mostrou que realmente o meu futuro não era para ser um jogador de futebol, que na verdade eu tinha que ter sempre um plano B. O futebol me ensinou que tinha que ter um plano B. Eu não consigo ser jogador de futebol, eu vou continuar estudando. Serviu para aquela época eu me dedicar aos estudos. Porque até então eu não me dedicava aos estudos, eu tinha um sério problema com estudar. Para o negócio era ir para escola e jogar bola. Então, eu tive um alto índice de reprovação, e, com as escolinhas que eu participei no decorrer da vida, tanto no GFOP, ou quanto o CFZ, a proposta era que você fosse bem no seu rendimento escolar, fosse bom. Então eu era obrigado a estudar, então isso me influenciou muito. Tanto que eu só cheguei aonde estou graças a este tipo de influência.

35 47 Bom, hoje eu faço ciências contábeis, estou com previsão para terminar em 2015. Mas, o aprendizado que eu tiro daquela época para cá, foi que me ensinou muita coisa. A como você por exemplo lidar na sociedade, a trabalhar com coletividade. Porque, aquele tempo a gente era muito unido, nunca ficava, não deixava rolar conflito entre a gente. Dentro a gente era muito coletivo. Isso daí, mostrou para mim, como eu por exemplo trabalhei, eu saí agora recentemente da onde eu estava no meu estágio. Como você trabalha em equipe? Trabalhar, conviver com as pessoas, respeitar o próximo. Foi um aprendizado, não foi aquilo que eu esperava que fosse, como o que eu queria, que desde pequeno era ser jogador de futebol. Tive que arrumar outro meio de vida, voltar a estudar. Eu fiquei cinco anos sem estudar, só trabalhando, mas, aí eu vi que o estudo era melhor saída. Mas, isso daí me trouxe coisas boas, porque na sociedade de hoje em dia que a gente vive, você tem que saber viver, você tem que saber entrar e sair. Você nunca pode, por exemplo ser grosso demais com as pessoas, você tem que ser um bom ouvinte e um bom falador. Eu hoje em dia sou mais bom ouvinte, eu sou mais de ouvir do que falar. Acho que isso daí foi uma das coisas que me trouxe daquele tempo pra cá. Que eu tenho de melhor até hoje é só isso.

38 09 Eu pensei que aquilo ali nunca iria para frente, que nunca o pessoal ia relembrar esse momento nosso. Que, foi uma fase difícil foi, mas, nunca passou na minha cabeça que aquilo ia ter repercussão, como se está tendo agora.

39 13 Ouvir a história do Sem Quadra e relembrar do que aconteceu. (risadas) É novidade, é algo que eu não imaginei que ia acontecer, nunca... Nem eu lembrava na verdade, eu fiz questão de esquecer... Como eu larguei o foco no futebol, eu nem vejo futebol, então, eu sei que meu time está ganhando porque alguém falou. Então eu abandonei o futebol de uma forma assim tão drástica, que eu não discuto sobre futebol. Eu sei pouca coisa sobre futebol, eu jogo pouco. Quase não jogo para ser sincero, vou mais pela saúde, por estar fazendo alguma atividade física. E a história do Sem Quadra, não me causou trauma, mas eu não lembrava mesmo.

É muito interessante, é algo que deveria ser usado como exemplo, desde que as coisas fossem em uma ordem cronológica melhor né. O Sem Quadra existiu, logo depois vir a quadra e

desfrutar daquela quadra. E em vez de ser vice-campeão, a gente ser campeão, porque agora nós temos quadra. Seria muito interessante.

41 00 A gente passou o dia todinho no pão com a mortadela e refrigerante. Aí o Carlos pegou e, a gente pediu para ele pagar um cachorro-quente para gente, depois que terminou o torneio. Ele pagou o cachorro-quente, mas não teve coragem de pagar o refrigerante. Ele wea murrinha²⁴ na época.

41 45 Era uma coisa boa se tivesse mais desse incentivo lá na Estância, depois que ele acabou com a escolinha, não levou o projeto à frente, eu creio que muitos adolescentes ali, que hoje em dia poderiam estar na escolinha, eles estão se envolvendo com droga, com coisa errada. Não estão assim, pensando no futuro. Ele está naquela vida e aquela vida tá bom pra ele, não está em crescimento. Esse é o meu pensamento. Se fosse criado um projeto para tirar essas crianças que, praticamente é criança, têm adolescentes também. Tem muito adolescente lá envolvido com coisa errada, que poderia estar desfrutando da vida, fazendo um esporte, ou qualquer coisa. Não falo só o futebol, mas, fazendo outras atividades físicas.

43 00 Com certeza, isso te traz, é como você atuar na sociedade. Você saber, se dar bem com as pessoas. Porque muitas vezes, essas pessoas quando não tem o trabalho em grupo, ele acaba se tornando uma pessoa meio excluída da sociedade. As pessoas às vezes se afastam, porque a pessoa não saber falar ou agir. Pelo menos esse é o meu pensamento.

²⁴Murrinha na tradição oral significa pessoa que não gosta de gastar dinheiro.